

**Expedição Moreira Cezar
A Luta
Os Sertões
Teatro Oficina Uzyna Uzona**

Floriano Peixoto

PORTA VOZ DO GOVERNO

Marechalíssimo, o novo Presidente Prudente,
(os jacobinos debocham rindo)
as autoridades, o povo e a imprensa
aguardam sua chegada
em Companhia de Madame Republica,
para transmissão da faixa presidencial.
(A Republica que está presente faz um gesto de ☐Espera☐)

FLORIANO PEIXOTO

Aguarde este meu pronunciamento a este público fiel
que tem me acompanhado
e transmita-o depois Porta Voz.

(digindo-se a todo o Teatro que transforma-se no seu Templo Republicano de uma Convenção.)

Meu público, meu povo.
Meu Governo teve função combatente e demolidora:
abater a indisciplina emergente,
as sucessivas sedições.
Eles dizem maldosamente
que por isso agravei a instabilidade social
e que violei um programa preestabelecido.

Como isso seria possível?
Nasci do *impeachment* triunfante
contra um golpe de Estado
violador das garantias constitucionais
do Marechal Deodoro da Fonsêca
Perna magra e bunda sêca.
(GARGALHADAS E APLAUSOS)
Abracei tenazmente a Constituição,
afoguei-a de tanto amor
a ponto de ter, para defendê-la,
de criar suspensão de suas garantias.
A legalidade sempre foi e será o maior dos meus desejos,
a essa palavra consagro, se preciso for,
todos os crimes,
viro até ao seu avesso
se preciso for, nesta terra sem leis.

Sou com muito orgulho, sim, o Marechal de Ferro
Nas crises que assoberbaram e assoberbam a República,
apelei
incondicionalmente,
para defendê-la
à todos os recursos,
todos os meios.

(parece que terminou de falar, mas volta)

Mesmo que nem vocês
nem a amplitude da opinião nacional
internacional
compreendam agora,
quero dizer que

entre paixões e interesses
do meu partido
que, salvante raras exceções,
sei que congrega todos os medíocres ambiciosos
que, por instinto natural de defesa,
evitam as imposições severas
desse meio social dito mais culto,
acabei por debelar
a Revolta do Setembro Negro,
que enfeixou todas as rebeldias contrariadas
todos os tumultos,
(Aplausos crepitantes)
e sei que agora forma-se em latência,
prestes a explodir,
os germens de mais perigosos levantes
que hão de vir, nesse novo governo, prudente e moral.

Sei que criei
mas destruí revoltosos.
Sei que batí a desordem
com a desordem.
(emocionado, tira um lenço, enxuga o suor e as quase lágrimas)
Deixo o poder sem ter cumprido minha missão.
Os que odeiam os verdadeiros defensores da revolução republicana, os jacobinos,
fazem agora o poder passar aos adeptos da prudência das morais,
desse civil amaricado.
Minha decisão final,
comunique Porta Voz,
aos presentes à cerimônia lá fora,
que não vou cometer desonra de comparecer
à transmissão de poder a um fraco.
(tira a Faixa e passa para o Porta Voz)
Um fraco não merece o poder.
(Apausos intensos jacobinos)

JACOBINOS

Viva o Marechal de Ferro!
(APLAUSOS JACOBINOS, enquanto a Republica apronta-se para sair)

REPUBLICA

Minha Imagem
dôce Flôriano
assim traída
não vai deixar de crescer,
por vocês meus defensores de mais tino,
meus adorados jacobinos
que nos acompanham nos transees difícilimos do nosso governo
by all the world. Il faut qui je pars. La real politk await for me.

FLORIANO

Divina Republica
Jacobina
Entre nós não há segredos
Posso falar sem dedos
Ficarão muitos agitadores,
robustecidos duma intensa aprendizagem de tropelia,
não vão se acomodar à papeis secundarios nessa Dramaturgia.

REPUBLICA

Não mon heros.

(em alemão e inglês)

Eu não permitirei.

Vocês serão sempre a minha garantia

Minha segurança de fazer permanecer

E crescer minha imagem.

(Sai, todos se levantam e plaudem a Republica saindo para a cerimônia de posse de Prudente de Moraes. LUZ FOCA Floriano, e o som traz os ruídos das posses presidenciais da época, a de Prudente, e as de hoje ao fundo, possivelmente com o Hino Nacional)

FLORIANO PEIXOTO

O movimento irreprimível dessas carreiras fâceis vertiginosas

não vão de súbito estacar.

Pela nova situação

adentro dilatar-se-hão.

(LUZ NAS GALERIAS, na personagem que representa agora, talvez, a Cenografia que põe um enorme tecido nas platéias que seria uma especie de fantasia ou, pelo menos, uma faixa. De um lado: Coro da Multidão Criminosa, escrito em letras Garrafais. No outro lado, na platéia menor: Coro da Multidão Consciente)

CORO DA MULTIDÃO CRIMINOSA

(no meio do Público, podem distribuir textos, marcados com a percussão)

Somos a maioria do País

inerte

e absolutamente neutra.

Veículo propício à transmissão

de todos os elementos condenáveis

que cada cidadão,

isoladamente deplora.

Sofremos o mimetismo

das maiorias conscientes, mas tímidas,

vestimo-nos com feição moral de medíocres.

CELEBRIDADE

Eu não!

Meu povo, sou uma vossa Celebridade!

Atrevida vos tomo a frente, como exemplo na cidade.

Na tribuna, na mídia, nas passarelas

celebridades, cinderelas,

individualidades que nas situações normais

podem tombar à pressão do ridículo a mais,

sem ideais, sem orientação nobilitadora,

encoleirada num estreito círculo, importadora.

Dizem, suspeita adoradora da República brasileira,

sempre fazendo cópia grosseira

das jacobinas,

mas pra mim

mesmo assim

minha história é lisonjeira

autografos, não é o caso,

Aplauso! Aplauso!

(Entra Marcha Fúnebre Evolutiva com a de Chopin, são as Pompas Fúnebres do enterro de Floriano)

FLORIANISTAS JACOBINOS

(trazendo Arca da Aliança, um Baú com as cinzas de Floriano)

Hoje não é comédia

É dia da Brasileira Tragédia.
Marechal Floriano Peixoto
Là se vai nosso garoto.
Musa da Guarita
Fenix! Ressucita!

REPUBLICA

(com Véus de Viuva Czarina)

Vamos agora vivêr
da exaltação gloriosa do seu cadavêr,

UM JACOBINO

(discursa enquanto o corpo é enterrado)

Marechal Floriano Peixoto

seu túmulo, nesse país roto,

é nessa hora triste sem esperança

Nossa Arca de Aliança

(Tiros de canhão e levantes de espadas)

Para nós rebeldia impenitente,

seu nome,

grande Homem

no meio da Pàtria em desordem,

é agora, palavra de ordem.

(Todos fazem um juramento sagrado ajoelhados com as mãos no túmulo, depois atiram para cima como nos enterros de policiais assassinados)

CORO DA MINORIA PENSANTE

Nós somos a minoria pensante do Brasil

Nossa retração criminosa permite excessos a mil

Em meio a indiferença geral

Aceita, aplaude as mediocridades irritadiças afinal

Não nos bastam cisões remanescentes,

anelamos que se avolumem crescentes.

Nem nos assusta situação econômica desesperadora:

torne-se insolúvel, arrasadora.

CORO DO EXERCITO

Somos o Exército da República Nascente

Elemento ponderador das agitações no mundo, crescentes.

Desde os escravos libertados:

cortejam-nos,

atraem-nos

afanosamente

imprudentemente amorais,

(dirigindo-se à multidão)

E a multidão. Quer o que?

CORO DA MULTIDÃO CRIMOSA

Um Stalin ou um Pinochet

CASTING

(Estúdio de marketing, fabricação de imagens, um barril de pólvora.)

CORO DO EXÉRCITO

A Nova do desastre do Cambaio é aterradora

Para chefe da expedição vingadora

Um de nós será o escolhido

Marechal Floriano Peixoto morreu de ofendido.
A Multidão sedenta agora aguarda
O fetichismo político exige Fantoches de farda.

CORO DA MULTIDÃO CRIMINOSA

(com texto para o público ler junto)

Nós opinião nacional oscilamos
no aquilatar vitoriosos e vencidos,
nesse baralhamento perdidos
diante de nossa visão estreita
sentimental e suspeita,
em todos os tons, todas as cores,
propagamos sem pudores o mercenarismo
caricaturamos nós, o herói e o heroísmo.
Imortais de quarto de hora,
que nossa carência adora
destinados à suprema sina
de uma placa na esquina
sem sabermos se bandido, santo,
louvados, difamados, não sabemos por equanto!
Ditirambamos ferventes em todos os cantos.
Todos saudados,
Todos amaldiçoados.

(emerge um menino do Coro)

MENINO DOURADO ADORADO ADORADOR

Entre todos brilha uma obra de arte
Coronel Moreira Cezar, figura à parte.
Igualmente ao vê-lo ficam vários,
admiradores e adversários!

(destaca-se do coro como se se descolasse, nascesse, protagonista: Moreira Cezar, fazendo Ricardo III, sobe ao local do teste, um palquinho. Do lado Sul a Maioria Criminosa segura um Manto Púrpura. Do outro - Norte a Minoria Consciente com uma Camisa de Força Gigante. No centro o trono: um barril de pólvora. Moreira Cezar como que se preparando pro teste)

ATOR QUE VAI FAZER MOREIRA CEZAR

Eu Antonio Moreira Cezar
Grosseiramente feito,
sem majestade no amor tendo direito,
nem de pavonear-me extasiado
diante dos meninos adorados,
ninfa de lascívio meneio,
eu, feio
privado de proporção, de beleza,
desprovido de encantos pela pérfida mãe natureza
disforme, inacabado,
abortado,
antes do tempo pro mundo dos vivos enviado
terminado pela metade,
com os cães latindo ando na cidade
dissertando sobre minha deformidade.
Assim já que não posso mostrar-me como amante
entretendo a galanteria da oligarquia farsante
atrasada burguesia do sertão,
resolvo portar-me como vilão,
odiar os frívolos prazeres deste lixo de nobreza,

sem grandeza,
contaminando a República do meu coração
com sua escrotidão.

PERSONAL ACTOR TRAINING ACOMPANHADO DO CORO DO EXERCITO

(o ator sobe num palquinho, luz forte na cara; o personal training for acting com uma ficha na mão, vai modelando o ator, que vai tomando a forma que lhe impõem)

O ator não tem o fisque du rôle,

vamos fabricá-lo, Ator, vai no nosso contrôle.

O aspecto tende a reduzir-lhe a fama.

A personagem é figura diminuta, não reclama.

(O ator que faz o Cezar está alongando a figura normal esguia, então abaixa-se um pouco)

tórax desfiado

(apertam o colo largo do ator e o desfiaram)

sobre os pernis em parêntesis arcados.

(dobram-lhe as pernas em 15 pras 3h, como sa de Bush. Aí vem o interrogatório que responde sem palavras.)

Pronto, agora interioriza, o de fora acabou

está organicamente inapto para a carreira que abraçou.

Agora as clássicas:

Parou de fumar?

Parou de cheirar?

Parou de beber?

Parou com os meninos?

(olhar duro de Moreira)

ATOR MOREIRA CEZAR

(para seu espelho, o público. A imagem que querem ter dele, mesmo que narciso, adora. Joga com falsa modéstia, em êxtase e pedindo reconhecimento e aceitação de sua sensualidade, bem sedutor. Quer ser adorado por todos.

Mesmo nos seus chiliques, fala agora como se quisesse que o público lhe dissesse: -não, para com isso, você é lindo, você é um amor)

Falta-me esse aprumo, compleição inteiriça da imagem,
que no soldado são a base física da coragem.

Apertado na farda - que raro a personagem dependura -
os mebrs de adolescente frágil, me agravam a postura.

Fisionomia inexpressiva e mórbida

completa-me o porte desgracioso

e exíguo de quem não pratica esporte.

Nada, absolutamente, trai minha energia surpreendedora

a temibilidade rara e avassaladora

no meu rosto de convaléscente

sem uma linha original grandiloquente

(comovido consigo mesmo)

pálido, mal alumiado, velo uma tristeza permanente,

na minha face imóvel como um molde de cera,

impenetrável, pela própria atonia muscular.

(com força Iang)

Os grandes paroxismos da cólera,

e o entusiasmo mais forte,

(toca as faces, fica In)

aqui amortecem-se inapercebidos,

na lassidão dos tecidos,

na face contida

impassível, rígida.

(para o público)

Estão me vendo pela primeira vez?

Imaginam nesse homem de gesto lento e frio,

maneiras cortesias, tímidas e vazio?

campeador brilhante,?

ou demônio crudelíssimo, intolerante?
Não tenho os traços nem de um, nem de outro.
Talvez, porque seja os dois ao mesmo tempo
e contra tempo.
Tendências monstruosas e qualidades superiores,
no máximo grau de intensidade.
Sou tenaz, paciente, dedicado,
cruel, vingativo, ambicioso, impávido,
velo as personagens, no armário guardados,
cauteloso, sistemático, reservado.
Um único homem, alma gêmea, ah! meu Deus!
Marechal Floriano Peixoto, percebeu,
alguma coisa de grande e incompleto em mim,
que a evolução prodigiosa de predestinado faz saltar enfim
nesta fase crítica que devo definir-me em verso
heróico ou perverso?
Assim, desequilibrado.
Minh'alma oscila no balançado
da extrema dedicação
ao esvaír-se no extremo ódio,
da calma soberana à explosão nervosa subindo vitoriosa ao pódio
e da bravura cavalheiresca de Quixote
à barbaridade revoltante de Pixote

CONTRA ARGUMENTAÇÃO

OFICIAL ARGENTINO

(Mostrando uma faca)

Yo soy un oficial argentino
Fué vitima de su desatino
Agredido por este cuchillo
por suerte a tiempo detenido,
no mas que por cierto vocabulário de mi lengua,
mal comprendido.
Mas no tubo la mala suerte de un periodista
que habia creado un escandalo esquerdista
de intolerables insultos a la Corte del antiguo Imperio
y habiendo acusado el ejército de delitos serios
fue desgraciadamente resuelta por algunos oficiales,
como supremo recurso, absurdo justiciamiento,
la decision fulminante y desesperante
del linchamiento.

(O Coro do Exército armado de Comblains cerca o jornalista; Moreira Cezar jovem tira a faca do oficial argentino)

FANTASMA DO JORNALISTA

É meio dia, muita luz!

Oficiais do Exército armados de comblains,
saem de carros que os conduz.
Vejo num dêles, autoridade superior do próprio Exército,
refugio-me dentro, sento-me ao seu lado
ao patrocínio imediato das leis querendo ser acoitado.

Sou de dentro arrancado
pelas costas esfaqueado
a primeira facada
veio com o prazer de um coito
pelo mais afoito,

olho no seu rosto Moreira Cezar,
imploro, rezo
Você goza!
E apunhala
E apunhala
E apunhala

(O Coro de Oficiais Linchadores tenta apunhalar, Moreira impede)

Os outros não deixa apunhalar□

(olha nos olhos de Cezar que o encara também; o jornalista olha para o público, Moreira não tira os olhos dêle)

Minha última reportagem agora no ar
o povo da Rua do Ouvidor, parado...

(olha bem pra Moreira que faz com que a cena vire uma cena depentrar, fazer amor)

e você
a apunhalar
a apunhalar
a apunhala-la.

MOREIRA CEZAR

(desenterrando a faca das costas do jornalista e entregando-a para a Autoridade Superior enquanto os outros fogem com as facas respectivas)

Este justiciamento custou-me a transferência para Mato Grosso,
onde sofri nessa Sibéria tórrida do nosso Exército o calor até o osso.
Mas a proclamação da República devolveu-me o direito
ainda que tardio
e traz-me de volta em glória para o Rio.

EUCLIDES DA CUNHA

(com fascínio erótico)

Eu o vi nessa ocasião.
Era ainda capitão
Nos dias vacilantes do novo regímen,
governo deseja perto de si este esteio firme.
Não raro a faca era relampagueada
mas era inteiramente virgem ainda a espada.
Saiu da da abstinência com muita apetência
nos últimos anos da existência.
Já Coronel no debelar da Revolta da Armada
(unge, com vaselina a espada de Moreira, num rito sensual)
Floriano passou-lhe os phoderes todos à virgem espada

Em Santa Catarina, pra phoder a conflagração,
que contagiava os Estados do Sul em rebelião
é a espada descabaçada que entra em ação.
185 Fuzilamentos no cenário de uma ilha deserta, da cidade
que leva o nome de Floriano, em homenagem à essa sexual crueldade.

(Um grupo de rebeldes ligados a um colar de lâmpadas elétricas com lâmpadas acesas que iluminam os rostos que os vídeos ampliam em formação ordenada de pelotão de fuzilamento. São decapitados ao desparafuzarem-se ou desligarem-se as lâmpadas. Nos rostos a ultima expressão é de gozo. Vinho vermelho e branco jorram das ejaculações. Mulheres tocam no esperma sangue, ungem a boceta e a cabeça, vão virando Mandrágoras)

FANTASMA DO MARJOR ALFREDO PAULO DE FREITAS

Fui ultrajado a rebencadas sem contemplação
Cezar começou a encarcerar suspeitos da revolução
Fui embarcado de Niterói
com a farda que cobriu meu meu corpo até o fim
a barca fez meia volta ao aproximar-se de Inhatu Mirim.
Com mais 184 cabeças a minha foi decepada
o mar bebia nosso sangue, a terra nosso esperma guardava.

MANDRÁGORAS

Aurora nasceu envergonhada,
na Ilha de Inhatu Mirim
ficou vermelha sim
com a sangria que a maré trouxe acanhada

Só nós Floriano, alegres demos Florada
MaDrágoras nascidas do gozo de cada cabeça cortada.
Gritando da nossa separação da Terra fomos arrancadas
Por ManDrágora Índia Paguaja, da Guerra mal lembrada
As Gaivotas apiedadas nos levaram pra Canudos
Onde esperamos você Cezar pra servir em miúdos.

EUCLIDES

A opinião nacional está abalda.
Terminou a revolta, a governança civil, recém-empossada,
exige responsável, que contas sejam prestadas.

MOREIRA CEZAR

Vai pronta Dr. Euclides, telegrafada:
(passa-lhe o telegrama, enquanto as linhas telegráficas entram em ação)

EUCLIDES

Um □não□
(olhando pra Moreira, depois para o público, perplexo)
simples, seco, atrevido, cortante,
desconcertante
sem atavio, rodeio, ressalva, explicação
um dardo batendo logo caído
no peito da nação
no coração do poder constituído.

MOREIRA CEZAR

Prudente das Morais
chama-me ao Rio de Janeiro
Embarco com o meu batalhão inteiro
num navio mercante;
stamos em pleno mar...
Desta minha camisa de força,
é feita minha vela

(A Camisa de Força é hasteada como vela. Luz, sons, o teatro todo é o Barco, marujos contra-regras gritam o □Vai partir!□; Moreira Cezar encantado olha a Ilha de Floriano e a Inhatu Mirim, de repente sente pela luz, pela música, uma coisa estranha□olha pra Cabine técnica/comando do Barco:)

O que? Um desvio na rota?
Está preso o senhor comandante.

(alguns soldados sobem até a cabine)

Suspeito de traição,
quer prender a mim e aos soldados?
A serviço de uma sedição.

COMANDANTE

Vosso ato é inexplicável,
a desorganização psíquica
de que é vítima, é responsável.

MOREIRA CEZAR

Não se atreva a julgar meus atos
está preso agora por desacato!
Soldado, permaneça com a espada desembainhada
voltada para o pescoço desta cabeça desmiolada,
E faça-o seguir viagem
Na rota certa, sem espionagem.

(Moreira dá sinal para a viagem continuar. A Viagem continua)

Sou até capitão de navio, mando
No batalhão que comando;
Minha competência, conquista até o pessoal que ameaça
ultrapassa, o número regulamentar de praças,
dezenas de crianças a quem ensinarei,
em manifesta reinterpretação da lei,
com meu amor, armas carregar.
Venham meus amores, estão a me julgar
cantem o hino que compuseram por me amar.
Nesse Atlântico agora na nossa rota a navegar.

CRIANÇA ADORADA

LIDERANDO UM CORO DELAS UNIFORMIZADAS

Nosso Cezar, nosso amor
Adorado imperador
Criou o melhor corpo do Exército do Brasil,
Com lúcidéz e amor ao mundo infantil
qualidades eminentes, francas, raras
de chefe disciplinador, inteligente, caras
contestando com bravura
aos que chamam o seu genio de loucura
intepretando como maldita pedofilia
a inclusão da infância na infantaria.

Dai a Cezar o que é de Cezar
Criança reza, reza,
Só ele pode ser escolhido
Pra nós vermos Canudos destruído.
Nosso Cezar, nosso amor
Adorado imperador
Cria o melhor corpo do Exército do Brasil,
Com lúcidéz e amor ao mundo infantil!□

(Moreira, Euclides, Antonio Conselheiro tem um ataque epiletico simultâneo. Entra Dr. Nina Rodrigues que apanha a enorme Camisa de Força e a Hasteia com auxilio de atores maquinistas)

DR.NINA RODRIGUES

Três Temperamentos desiguais e bizarros

de epiléticos provados.
Doentes graves
em placidez disfarçados,
desvendando-se inteiramente em violentas comoções,
em ataques, em físicas manifestações.
A epilepsia alimenta-se de paixões.
Há num crime, um achaque
num lance de heroísmo,
o equivalente mecânico de um ataque.
Contido o braço homicida,
ou imobilizado o salva vida
no arremesso absoluto
doente pode surgir, *ex-abrupto*,
o crime surge como um derivativo à loucura.
O doente sente a vida cada vez mais dura,
e luta tenazmente pra se segurar.
O doente vai caindo no estado crepuscular,
condensa no cérebro a soma de todos os delírios
prontos a desencadear-se em ações violentas e martírios
que podem atirar no crime,
ou,
na glória, no sublime.

Cabe à sociedade, nessa ocasião, que torça:
pra dar-lhe
a púrpura
ou a camisa de força.

EUCLIDES

(recuperando-se)

Se um grande homem
pode impor-se a um grande povo
pela influência deslumbradora do gênio,
os degenerados perigosos
fascinam com igual vigor as multidões tacanhas,
e as levam ao proscênio.

CORO DA MINORIA PENSAnte

(recuperando a Camisa de força)

Oferecemos esta Camisa de Força.

MULTIDÃO CRIMINOSA

A situação não suporta mais o que retarda
fetichismo Político exige fantoches de farda
Ofereçamo-lhe a Púrpura.
Que Canudos Arda!
(Suspense na escolha)

PRUDENTE DE MORAIS

Eu, Prudente de Moraes
Ano passado vi a estréia em Londres de Oscar Wilde
“The Importance to be Ernest” ao lado da Senhora Adelaide
E percebi: chamar-me Prudente me responsabiliza,
ainda mais como defensor de todas as Moraes.
Por isso tenho a honra de confiar
a Coronel Antonio Moreira Cezar
a primeira expedição nacional, regular
contra Canudos.

Só vos Coronelíssimo, poderá chefiar.

(As crianças de Moreira Cezar recebem das mãos de Prudente enfeites para enfeitar e abençoar a espada; e elas mesmas ataviam, com as próprias mãos em delícia. Luzes e Música de Glória como uma Hosannah Militar Celeste! A Camisa de Força desce sobre o Conselheiro e o Manto de Púrpura sobre Moreira Cezar. Euclides entre os dois dividido, sem saber o que fazer. Entra o Cavallo Branco que está também de Branco como Moreira que monta-o levantando sua espada)

UM ALTO OFICIAL JACACOBINO

Habemos São Jorge!

Ave Cezar!

MAIORIA CRIMINOSA

Ave!

(Conselheiro some como que ameaçado pela Camisa que o persegue, a Música agora é suave, inocente, Moreira já está como um ídolo, sob um foco, uma áurea de Santo)

CRIANÇA ADORADA

Ele agora é nosso eterno ídolo!

Vamos idolatrá-lo!

Adorá-lo!

(A luz vai entrando e trazendo o Porto do Rio. Tambores de Guerra. Diante do Barco ITAIPÚ escrito grande no lombo das estruturas, as tropas embarcam para a Bahia)

CABO ORDENAÇÃO WANDERLEY

E cá estou eu de volta, ainda cabo, ainda crú

Desfilando e penetrando no Navio Itaipú

Diante daqueles que todo mundo preza

Nosso Novo Cezar

(Moreira agradece a ovação cercado de suas crianças)

3 de fevereiro de 1897

partimos pra Bahia com nosso nacional escrète

(Crianças armadas)

Itaipu é vosso *vis a tergo* Coronel, a Brigada Infantil!

Herdeiros do nosso Brasil.

Embarquem primeiras crianças!

Inundando o mar de fé e Esperanças

(vão subindo no no navio)

7.º Batalhão de Infantaria, do Coronel xodó

em todos seus atos

sob direção do major Rafael Augusto da Cunha Matos;

(entram no navio)

do 2.º Regimento de Artilharia,

comandada pelo Capitão José Salomão Agostinhoo da Rocha

Vai presentear Canudos com suas bolas negras de Botcha

(Sobe Salomão com seus prés: bois arrastando a artilharia, uma criança leva Bombas Pretas de Canhão)

Capitão PeDreira Franco inaugura *O Homem e o Cavalo* montando o 9.º Esquadraão de Cavalaria
Pro Abalo!

(Os Cavalos entram noNavio)

E o 9.º, de Infantaria,
do coronel PeDro Nunes Tamarindo
nossa reserva ecológica moral mais antiga, persistindo
pra guerra indo,
lindo, lindo!

(sobe o Coronel com seu cachimbo e seu ar cético de ainda não aposentado, mal humorado, tipo José Lewgoy, lançando um olhar para o Cabo Ordenaça Wanderley, de “deixa de puxar saco”; entra Moreira Cezar com seu Menino Adorador Adorado; o Cabo Wanderley embarca; no cais as pessoas muito bem vestidas dão adeus ao som de uma Banda tocando o Hino do Exército, o navio apita e zarpa... demorado para a Bahia, chegando em Salvador onde as mesmas pessoas, vestidas da mesma maneira do Rio, esperam. Estão todos preparados pra discursar, banda de musica, recepção e também uma VIUVA NEGRA)

CORONEL MOREIRA CEZAR

(surgindo no Convés)

Não temos tempo pra enrolação
nem recepção.

Ordeno:

autoridades civis

militares

eclesiásticas

entusiásticas damas

da sociedade, de acarjé, baianas,

estamos em guerra, ponham-se em ação!

Descarreguem o barco com a tropa que chega atrasada

depois desta viagem demorada

por outro navegante mercantil conspirador comandada.

Queremos chegar ainda hoje em Queimadas.

Ajuda patriótica obrigatória

Não há escapatória.

(A Multidão se entreolha sem saber o que fazer)

Sociedade oligárquica baiana

não entende português,

ou quer entrar toda em cana de vez?

(As senhoras, os senhores vestidos com rigor do século 19, começam a ajudar os carregadores, com baianas de acarajé, a descer a carga pesada; a banda sem saber o que fazer, toca um dobrado em axé até a Viuva Negra interromper a orquestra jogando baquetas fora)

VIUVA NEGRA

Xangô

Por Justiça e Adoração

desacorrenta Exú Senhor da minha ação

que ninguém esqueça

esse é um cortador de cabeças,

(Moreira Cezar finge que não a vê, ela vai até ele e o obriga a encará-la; os guardas se aproximam, mas ela com um gesto os afasta; tal é a energia da Furia que obedecem)

não desvia de mim teu olhar do meu mal olhado
farrapo de honra, suíno, massacrador, detestado

aborto de nascença selado
escravo entrevado
difamador do ventre da tua mãe
produto maldito dos rins do teu pai
sapo peçonhento de perna torta
pelas cabeças que tua espada corta
teu pescoço de frango Cezar do Sangue
com teus miúdos vão virar bumerangue.
Tu me debes todos maridos
Todos os filhos, todos os desaparecidos
Infame assassino

(tirando os véus)

Naquela noite de Inhatumirim meus cabelos viraram cal
Naquela noite cento e oitenta e cinco Mandrágoras
da porra dos teus assassinados nasceram pra te fazer mal.
Maldições aqui da Bahia de Todos os Santos
atravessem o fundo da Terra, dos mares, dos ares
vão pra todos os cantos
cheguem às nuvens, toquem os céus.
Te ofereço coisa poDre, teus troféus!
Nesta guerra imunda
agora, sucumbas
levando contigo tuas crianças pras tumbas□
Que o verme da consciência roa sempre tua cínica calma
Que teus amigos te traiam até o ânus da tua alma
Que jamais o sono feche teus olhos fatais
a não ser pros pesadelos do inferno que criais

(Os guardas tentam levar a mulher, batendo nela, enquanto Salomão da Rocha e Coronel Tamarindo, seguram Moreira Cezar que tem um ameaço de ataque, e está com os olhos arregalados, as crianças choram, mas a Viúva se desvencilha e à uma certa distância para toda a expedição, lança sua última maldição)

Viveis cada um de vós escravos do ódio desse pigmeu
ele do vosso e todos vós do odio de Deus.

CORONEL TAMARINDO

Começamos bem, meu último passeio militar na Bahia.

(Trevas Tambores fortes pra Exu fundindo ao apito e barulho das locomotivas e telégrafos de Queimadas)

QUEIMADAS

(o telégrafo vai anotando e transmitindo as novas para o país)

MOREIRA CEZAR

Dia 3 saímos do Rio de Janeiro
cinco dias depois, hoje, 8 de fevereiro
aqui está a expedição reunida inteira.
Apesar das conspirações
em vez das maldições
temos um milagre: rapidez nas mobilizações.

SALOMÃO DA ROCHA

1.300 combatentes,
muniçados fartamente
15 milhões de cartuchos de regalia

setenta tiros de artilharia.

MOREIRA CEZAR

Prossigamos
A Rapidez do Telégrafo, das balas, inspira
Somos homens dum tempo que pra frente atira.

CRIANÇAS

(Da posição de sentido cochilando, começam a cair sob o peso das mochilas)
Que vergonha coronel, nós 70 crianças caindo pelas filas
Não suportamos mais o peso das mochilas!

CABO ORDENAÇA WANDERLEY

Falo a pedido de oitenta soldados
doentes chumbados
a velocidade os desacelerou
Estão envergonhados, mas o cansaço derrubou.

CRIANÇA ADORADA

A mim a mochila é uma asa
maior é o peso mais parece ela vaza...
É a mesma coisa para esses dois anjos da guarda.
Seguimos convosco à protege-lo da maldição da bastarda.

MOREIRA CEZAR

Meus anjos adorados
sou criança também, anjos caem, outros seguem alados
Vós caídos, vós cansados aqui ficam com a missão
de fazer de Queimadas nossa 1ª Base de Operação.
Verto lágrimas de emoção
Vos passo este comando Tenente Platão

Descansem por nós crianças, cessou nosso pranto
em marche marche pra Monte Santo!
Sigamos juntos voando na vanguarda
Trio de Anjos da Guarda.

(tomam o caminho, mal se voltam, as luzes saem de Queimadas com os que ficam despedindo-se mal contendo o pranto)

TRIO DE ANJOS

Quirinquinquã!
que é que há
Pelo Deus de Israel
que vês Coronel ?

(entra a Aleluia de Villa Lobos; entra imponente o Monte Santo; Coronel olha fixamente e começa a ter convulsões até o ataque epilético, os médicos do corpo de saúde acorrem, colocam um pano na língua do Coronel, dão-lhe um medicamento, o Coronel estrebucha até um desmaio)

MEDICOS

(para os Oficiais superiores, Tamarindo, Salomão da Rocha, Capitão PeDreira Franco, Souza Menezes, e, como sempre de intrometido, o Cabo Wanderley)
Por favor Ordenaça, □Cabo□ Wanderley
Nunca serás promovido, pensas que és rei?

CABO ORDENAÇA WANDERLEY

Nada que é humano

me é estranho
mas me afasto a vosso pedido
não ajo assim pra ser promovido.

(afasta-se)

MEDICOS

Meus senhores nos obriga o dever de profissão
Coronel Moreira Cezar não tem mais condição
por n'osso diagnostico está condenado
por nós, próprios médicos por êle comandados.

MOREIRA CEZAR

(desperta)

Que fazem vocês aqui parados?
Em frente marchem para seus comandados.

MEDICOS

O senhor teve um desmaio grave,
como os outros caiu cansado.
Não pode continuar no comando
deve descansar, recuperar-se voltando.

MOREIRA CEZAR

(tirando o revólver)

Os senhores estão presos. Desacato à autoridade
(para dois soldados)
Encaminhe-os pra Queimadas,
algemados sem piedade.
Que o Tenente Platão telegrafe
requerendo médicos de mais responsabilidade.
(para os oficiais comandantes preplexos)
E vocês que estão esperando
Estou é falando à vocês, moscas mortas, fico alérgico.
Será que preciso chamar um delegado policial enérgico?
Urgente em marche-marche surdo-mudos,
mil e tantas baionetas dentro de Canudos.

Engenheiros militares

Vocês têm uma semana para reconhecer a paragem
E quero fazer saber que a vocês escolho
É por que não quero bases medidas a olho,
Nem aos habitantes inquirições
Nem erros de cinco graus como primor de medição

ENGENHEIROS MILITARES

(fazem uma meia volta e recebem da contra-regragem seu levantamento numa caderneta de campo)
Comandante o levantamento feito aqui está para ser examinado.

MOREIRA CEZAR

(dá uma olhada)

É sem maior exame, aprovado.
Vejo aqui escolhida a nova estrada.
Contornando o Cambaio, pelo levante,
É mais longa, mas mais vantajosa
Evita a zona montanhosa.

CORONEL TAMARINDO

Não é prudente
Estabelecer linha de operações?
Dois ou três pontos defensáveis,
garantidos de guarnições?
Que possam apoiar a resistência,
no caso de um insucesso, um recuo, uma desistência?

MOREIRA CEZAR

Não se cogita a mais passageira hipótese de um revés.

CAPITÃO JESUINO

Sou o olho desta expedição,
vosmicês os pés.
Aclaro a rota,
não trabalho pra derrota.

CORONEL TAMARINDO

Temos quarenta quilômetros de areal
A seca atinge o ponto maximal
Água, muita água os combatentes precisam ir carregando
as legiões romanas venciam os deserto se hidratando.

ENGENHEIROS

Levamos uma bomba artesiana.

CORONEL TAMARINDO

Mas conhecem as camadas profundas desta terra?

ENGENHEIROS

Ignoramos até a superfície onde nosso batalhão erra,
Mas há entre as Zabaneiras
rãdomantes marcadeiras
com varinhas danadas
sentem o ponto exato das camadas aguadas.

SOLDADOS

(jogando areia pelos caminhos e nelas marchando sem sair do lugar)

Marchemos para o desconhecido,
veredas desfreqüentadas, nosso chefe enfrenta decidido
desçamos sem cantil
entre o Vaza-Barril,
e o Itapicuru,
É o divorcio das águas *divortium aquarum*,
desmedidos areais, regato? Nenhum.

(Música Eletrônica do deserto)

Jornada longa mas é certo
150 quilômetros ilhados no deserto.
Com a vigilância das autoridades.

TATUTUREM(O)AS

Jaguços nas trincheiras a nos ocultar□
Move-se à vontade o atirador,
Frestas nas pedras, canhoneiras incontáveis
de uma fortaleza monstruosa e sem muros.
cruzando fogos sobre as veredas...

MUTÃS

Aqui de cima esperamos

frutos das arvores nos guardamos.

(homens ou mulheres que vão entrar como cabecilhas, como as muçulmanas hoje em dia em pequenos jiraus, suspensos, capaz de suportar comodamente um ou dois atiradores invisíveis, ocultos na folhagem.)

CORRE NOS SERTÕES UM TOQUE DE CHAMADA

CRESCE A POPULAÇÃO DO SERTÃO

TIMOTINHO SINEIRO

(badala o sino respondendo ao mundo chamando)

Correu, corre nos Sertões das Terras Grandes
toques de chamada chegam da Africa aos Andes!...
De todas as quadras
cargueiros carregados
de toda a parte do mundo tocado
pra Canudos enviados
por tudo que é transporte
chega um entusiasmo forte.
(badalando chamando)

CORO DE SERTANEJOS

Venham lutadores, aventureiros
Correndo o sertão inteiro
dos Estados nordeste, do seu quintal
surge a capital de um novo estado internacional
Coração do mundo, barriga da fome do capital!

Jaguços do S. Francisco!
Lavradores do MST!
Cangaceiros do Cariris!
Quilombolas do Rio, do PCC
Canhemboras!
Russos, Chechenos
Calangros!
Balaaios! Armênios
Israelitas
Palestinos
Vietnamistas
Artistas Latinos
Cabanos!
Muçulmanos
Americanos
Africanos
CDL'S
Haitianos
Cubanos
das entranhas religiosas de renegados
no instinto da nova desordem irmanados.

ROMANCEIRO CANTADOR

Em três semanas, já, esquenta
Canudos, já, aumenta
de modo extraordinário,
triunfando o corpo expedicionário.
Povo não mente, mais aumenta
Faz romance, argumenta
cada episódio da novela
emenda destrambela
remenda
vira lenda
e destrói
que dói

a aberração
da última vacilação
do que temia o mistério
do primeiro falanstério
do mundo sertão.

(Surge amanhecendo, camadas de gente vindas de todos os lados: os doentes; toda sorte de gente e o lutador solitário. João Abade recebe os lutadores e outros recebem os mantimentos)

CORO DOS QUE ESTÃO CHEGANDO

CORO DOS PEREGRINOS

Pelo alto das colinas,
apontamos peregrinas
multidões demandando essa paragem lendária
trazemos o que havemos pra revolução agrária.
Carregados, em redes, estropiados,
ansiando risonhos
pelos últimos sonhos
morimbundos
nesse sagrado encontro de mundos.
Paralíticos
Cegos
lazarentos,
terroristas
capitalistas
aos milagres atentos
cura imediata,
num desfazer do nó da gravata
das dores do capital
Sou como todos: pequeno criador
Vaqueiro crédulo poderoso
Irmanado a mangalaça toda do tinoso
ingênuas mães de família amasiadas
à zabaneiras putadas sagradas.

SHANE O LUTADOR

No coice dessa procissão
estranho, sigo minha solidão
samurai solteiro
capanga à disposição
procuro um teatro maior
à minha índole pior
impulsiva
vadia
valentia
de lutador
que luta
pela luta.

JOÃO ABADE

Comandante da rua.
recebo lua a lua
recém-vindos,
bem vindos
não indago a procedência,
nem se são gente de descência.
São antigos conhecidos

novos desconhecidos.
Debaixo do cangaço:
não rechaço
capanga de balas lotada?
Polvarinho cheio à testada?
Garrucha de dois canos à cinta atravessada?
A parnaíba de corte fino?
E o clavinote de boca-de-sino?
Entrem pelo largo,
Sem encargo
Sou parelha na turbulência,
tenho a mesma vossa ascendência
argúcia rara, laivos de superioridade mental,
vindas do estudo num liceu da capital do capital
vivi o Inferno de Wall Street
até o limite
fugi no primeiro crime que pratiquei;
minha noiva amada assassinei,
alucinado numa jogada em que me endividei.
Agora num raio de cinco léguas,
disciplino e domino sem tréguas
trabalho aqui não sobra
de maDrugada distribuo a mão de obra
braços pra trabalho
e muitos abraços
(dirige-se ao quaDrante de portais, e para o público)

MANDRAGORA ZABANEIRA MATA HARI DO SERTÃO

Piquetes vigilantes nesse zum zum zum
vinte homens cada um,
você, cabecilha de confiança,
para Cocorobó à Amara, avança
pra Baixada ao alto da Favela de Gaza vocês,
já se organizando
render os que atravessaram a noite,
velando.
Vocês ontem pagaram um a um
o tributo do serviço comum.
Podem ir pras pras plantações,
vocês para as obras da igreja
pra volupia das curvas impossíveis pra que veja.

CABRA POMBEIRA

Pombeiros em missões
de discretos espões
indaguem delicados sobre os novos invasores,
lembrem, autoridades nos espiam horrores
contrabandeiem armamentos,
sem tormentos,
tudo espiondo,
tudo perguntado
cautelosamente.

(GRUPOS RUIDOSOS INDO AO TRABALHO)

Canto do desejo da paz.

COROS DOS TRABALHADORES TESUDOS

E partimos felizes.
Pelos caminhos entrelaçados, raízes.
pequenos grupos ruidosos,
carregamos armas,
carnosos,
ferramentas de trabalho
batucamos
poderosos

massacres passados,
esquecidos
nos corpos erotizados
acordem novos vagidos
vão nos deixar em paz
só queremos criar
trepas
nada mais
vão nos deixar em paz, vão
na cidade e no sertão.

CONSELHO DOS DOZE

Pra que se deixar iludir,
Pra que?
Nesse ir e vir
de ofícios,
múltiplos variados
bons vícios
ombreiam o matuto deslumbrado
e o facínora alucinado,
raízes
disciplinem-se
congreguem-se
arregimentem-se
para um objetivo único presente:
reagir à invasão iminente.

VELHO MACAMBIRA

Concentremos na defesa urgente:
construir trincheiras,
nas alturas do nascente ao poente
nos corredores do Oficina,
nos arredores, em frente

CONSELHO DOS DOZE

Sobre as terras altas
(*olham as estruturas do Oficina*)
nas passarelas bem acima em ribaltas
rolando,
carregando,
pedras amontoando
bocas nos chãos
nos desvãos
à enxada e à picareta
ocupando todo espaço da opereta.

Fortificações no Teatro da passagem

MACAMBIRA

Em passagens, passageiras,
cruzando fogos entre veredas
seguindo leito seco, ribanceiras
criar vão difícil travessia à tropa perdigueira.
Próximas e no alto das barrancas,
outras mais avantes alavancas
identicamente dispostas.
Se a tropa assaltar e conquistar
as que tem o pé na estrada
abandonamos e continuamos o combate nas outras,
no alto nas entradas.
Seguindo entre as trilhas
ou abandonando as alas
os antagonistas serão colhidos às pilhas
numa rede de balas.

PAJEÚ

Tudo o que você falou está certo
mas eu sei que fazer isso você não vai, Macambira
eu sei que você não vai.
Iremos nós de birra,
mas rebeldes!
Nós dispensamos ensinamentos
pra estes preparativos.
Jagunçada,
a terra de alto a baixo e no meio
é um modelo em cheio
serrotes empinando-se em redutos,
rios escavados até encontrarmos ossos
nos fossos.
Caatingas trançadas
abatises naturais barricadas

HOMENS MEXENDO NA TERRA ORQUESTRA DO ARSENAL ATIVO

OS TRINCHEIRAS

(Em plano subterrâneo e no espaço aereo.

Estão trincheirando.)

Abrimos cavidade
pro atirador poder se ocultar
e à vontade dançar.
Bordamos de pedritas
buracos-estragos dos sauditas
da rica pedraria
enfiamos o cano das pontarias.

Tocas progredindo,
regularmente intervaladas indo,
para todos os rumos,
crivando na terra de bocas de fumo,
no alto e no baixo, e no meio
Canudos em rodeios, rodeando rodeios
Anfiteatro de canhoneiras incontáveis
Com um público oculto de atiradores notáveis, Fortes
monstruosos claro-escuros

Um teatro cá em baixo, sem muros.

GRÃ CIRCO CANUDOS

MUTÃZEIROS

(trapézios e cordas de circo)

Nos arbustos mais altos e frondosos,
galhos interiores, trançamos caprichosos
sem desfazer a fronde,
pra um lugar de esconde esconde
dois metros do chão,
pequeno jirau suspenso
capaz de suportar acenso
atiradores invisíveis na folhagem
engenharia avoenga vem no nosso gens
Mutãs indígenas para tocaiar o jaguar
palanque pra discursar, a presa atocaiar.

TEATROS DE ARENA

Grandes blocos redondos,
brechas rombos,
desentupimos juntas
bromélias e cardos tiramos pra enfeituras
corredores estreitos pra passar
mascarados de renques espessos de gravatás.
Agora limpemos o teatro de arena interior
onde possamos atuar sem dor
entre os corredores desse minúsculo estádio
dominante sobre as estradas,
Sem risco, alvejamos distantes arrancadas.

OS PIROS

(pólvora e enxofre no chão)

Temos carvão,
temos salitre no chão
à flor da terra, de chofre
e mais o enxofre.
É só misturar na dosagem exata,
Pilar, e o explosivo surge na lata.

(fazem a mistura explosiva:Buuum)

Descobrimos a pólvora!

HOMEM CLAVINOTE

(com um macacão e uma boca de palhaço onde pode entrar tudo)

A minha goela de boca larga
de bacamartes aceita a carga:
seixos rolados,
pedaços de pregos enferrujados
pontas de chifres mal amados
cacos de garrafas de cachaça
esquírolas de peDras, caca, na raça

(O homem bala devolve tudo atirando. Percursão de preparação no couro, que antecede o heavy metal)

RITO DA INVENÇÃO DA BIGORNA

(Um Minotauro touro Bumbá é no chão colocado à força; sua cabeça bicorneada é esmagada, o sangue molha a terra do rito para construir a enorme bigora rude: a mina é aberta no ventre da terra; o ferro é arancado com o malho de peDra e ferro que esmagou o touro; fôle fogo e o espaço físico que é o ferro vodu do Oficina, do nosso corpo, vai sendo malhado e até copiado da cabeça do touro que em uma bigorna imensa é virado; os atores sintonizados, sentindo, dançando esse palco bigorna forjado: biomecânicamente Meheiboldamente, música referindo ao Coro Famoso dos Ferreiros de Wagner, percurssão a partir das facas, a partir da Cega com facas enormes; a bigorna dà nas batidas do malho o ritmo renovado)

CORO DOS FERREIROS

Arraial estruge nas fórnas
a orquestra estridente das bigornas,
à cadência dos malhos e marrões:
maleando as foices entortadas na enrijção,
aguçando, aceirando os ferrões sem corte;
temperando as lâminas largas das facas de arrasto de morte,
compridas como espadas;
retesando os arcos nas malhadas,
consertando a fecharia perra das espingardas garruchadas.
E nossos corpos no desembaço,
Tomados tomando todo espaço
Nos ares abrasantes
Irrompendo os ressoares metálicos irritantes
de arsenais ativos
no heavy metal dos vivos
Oficina virando Ozônio de Guerra Zona
Uzynando a paz da Uzona

(entram os positivos, silêncio)

CABRA POMBEIRA

70 oficiais reluzentes
1211 soldados fosco-pardecentes
com 220 tiros nas patronas
bolsonas
mais 60 nos cargueiros
300 000 tiros incerteiros
4 canhões krupp
2 metralhadoras cheias de truques
e um comandante celebridade
herói de quatorze batalhas de efemeridades
cortou mais de 180 cabeças nas terras grandes
é o cão
mostra até a glande
Chamam de Cristo
do Anti-Cristo

SÍNCOPE

(Imobilidade, atividade febril dos jagunços imobiliza-se na síncope de espanto)

MANDRÀGORAS

Corta-cabeças□

DESERTORES

(para o público)

Eu vim por que diziam: aqui é o desbunde
vale qualquer coisa, a cabeça funde
só não rola grana

desmandos, conflitos, sexo bacana
disciplina anárquica
Báquica

As fileiras devem ficar mais fortes agora eu sei
Mas eu vou desertar meu rei
Foi um tempo maravilhoso
aprendi e passei momentos gloriosos
Não levo nenhuma mágoa
Pra mim não vai ser uma boa
dias de tortura virão
em todos os lugares devastação
Canudos à bala a fogo, e a espada
desmoronada

Os piquetes dos arredores retornados
chegarão de nós desfalcados,
sinistros companheiros, é minha hora
Desculpem, mas dessa estou fora

BEATINHO

Cessam,
de chofre,
a vinda de peregrinos.
Cantando hinos
Os piquetes não passam contentes
entoando rap e rapentes
embrenham-se fora da veredas
cautos, dentro das alas das alamedas
pela moita,
o pessoal do piquete pernoita
silenciosos
vigilantes
minuciosos□

PEDRÃO

Há muito clima, tudo pesa
Mas ao contrário que esse mito reza
A expedição Corta Cabeça Moreira Cezar
Um unico objetivo empréa
Dar de graça armamento moderno
Municiar o nosso inférno!
Sinto essa energia desse desvairado
Vindo aqui pra fortalecer nosso lado.

MANDRÀGORAS

Nós a legião da beataria corajosa,
nesta situação perigosa
vamos sair a campo,
no encanto dos combatentes
Vem a noite acendamos fogos ardentes
prolongando além do tempo consagrado,
Ritos , rezas, em todo espaço contagiado
Ramas aromáticas de caçatinga
até a porta do Santuário da catinga
(*O arraial genuflexo reza, entra Conselheiro*)

ANTÔNIO CONSELHEIRO

(Queda longo tempo, imóvel e mudo, ante a multidão silenciosa e queda. Ergue lentamente a face macilenta, de súbito iluminada por olhar fulgurante e fixo. Fala.)

Irmãos-amantes amados

Esse movimento de temor e deserção

É movimento de seleção.

Livra o arraial dos que tem que ser arrastados
não sabem de sí, quem são, são levados.

A grande maioria dos verdadeiros desejanter
permanecem como antes...

O fluido que vem desse Corta Cabeça

Está em nós, no meu autor, em quem mereça

Pode ficar de pé ou de ponta cabeça

Nada do humano ou transhumano

Desconheçamos

nem o sano nem o insano.

Noite desce no mundo ao meios

Enquanto o dia n'outra metade se abre em cheio

Repouse o arraial.

Repousem as armas.

Vamos esquecer alarmas

Pra sair da seca das guerras,

numa fuga bacante silente e longa meditação

pelos descampados do nunca conhecido sertão.

Voltemos, reveremos de primeira vez outra cidade,

fé, defesa, armas, com a energia da tranquilidade.

(saem em uma caminhada em silêncio em volta do quarteirão)

Partida de Monte Santo

CABO ORENANÇA WANDERLEY

(lendo a Ordem do dia, que traz nas mãos - desenrolando um papiro.)

Ordem do dia

As tropas vão partir a 22 de fevereiro.

“ordem de detalhe”

fim do encalhe

Agora dia 21, véspera da partida, atenção

um ensaio de formação

na ordem de marcha, um esquentamento

para avaliar-se homens, armas, equipamento.

Alinhem-se os batalhões nos quatro cantos

No largo de Monte Santo.

(A Velha catimbópseira faz um trabalho de vodu com um boneco de pano de Moreira, que será o que no final entrará na recuada; ervas, pólvora, em sua cabana, ou em seu foco de luz, cheio de fumaça; ela vai praticamente comandar Moreira Cezar prepara-se enquanto há a revista)

Coronel Moreira Cezar dará depois da revista o Comando

”ensarilhar armas e debandar”

(todos brincam de debanda, saem em desordem)

Não me respeitam? Vou incorporar.

(imitando Moreira Cezar, entortando as pernas etc...)

Cavalgadas! Batraquios! Mocarongos!
A gente tem que ser Homem!
Amanhã será dado □colunas marchar□

(Moreira Cezar aparece, pega o Cabo imitando-o, este fica mais que sem graça, apavorado)

MOREIRA CEZAR

(aplaudindo)

Muito bem, Cabo, sabe macaquear
Mas chegou o diretor, vamos ensaiar.
Sentido. Apresentar-se!

MARJOR RAFAEL AUGUSTO CUNHA MATOS *(apresentando-se)*

Marjor Cunha Matos comandante interino do 7º, com efetivo superior ao normal,

CORONEL PEDRO NUNES TAMARINDO

Sob meu Comando Coronel Tamarindo o 9º,
que pela terceira vez se apresta à luta,
ligeiramente desfalcado.

JOAQUIM QUIRINO VILLARIN

frações do 33º e 16º, dirigidas por mim
capitão Joaquim Villarin

PEDREIRA FRANCO

cinquenta praças do 9º de Cavalaria,
ao meu mando
capitão PeDreira Franco

CORO DA POLICIA BAHIANA

Contingentes da polícia baiana. Muito Axé!

DR FERREIRA NINA

Dr.Ferreira Nina, chefe do corpo de saúde

CORO DA COMISSÃO DE ENGENHARIA

Comissão de Engenharia

CORONEL SOUSA MENESES

Coronel Sousa Menezes
ficamos aqui em Monte Santo para guarnecer a vila,
com um contingente de setenta praças do 16º

CABO ORDENAÇÃO WANDERLEY

1.281 homens
cada um 220 cartuchos nas patronas e cargueiros,
à parte a reserva de 60 mil tiros no comboio geral.

(Silêncio pesado. Todos aguardam a voz de □ensarilhar armas□e debandar. O Coronel faz um sinal para o corneteiro pedindo □Coluna em marcha□; o corneteiro não entende □ele se aproxima)

CORONEL MOREIRA CEZAR

(dando um berro no ouvido do corneteiro)

COLUNA EM MARCHA!

(O Corneteiro dá toque de □oluna em marcha□a Catimbópseira velha em seu canto faz explodir a pólvora e solta **29**

uma gargalhada, então o Coronel Moreira Cezar a galope toma a frente de todos e vai em frente. O sol cai, noite vem. Silêncio constrangedor. Mas não há o mais leve murmúrio nas fileiras. Só a ação interior da surpresa mostrada em todos os olhares, se entrolhando sem entender nada. Ficam todos parados. Retumbam os tambores na vanguarda; vão se deslocando sucessivamente as seções, desfilar, adiante, a dois de fundo, ao penetrarem o caminho estreito; começa a abalar-se o trem da artilharia; e finalmente rodam comboios□desaparece ao longe, na última curva da estrada, a terceira expedição contra Canudos. A catimbópseira faz outra explosão silenciosa de pólvora seguida de sua gargalhada, o Coronel tem outro ataque epilético no meio da estrada antes de Cumbe.)

DR FERREIRA NINA

(acode-o)

É□ vamos recolhê-lo nesta fazenda da Baronesa de Jeremoabo AnDrômeda Magalhães da aristocracia Bahiana. São gente muito fina e receptiva, ela é minha prima.

MARJOR CUNHA MATOS

Mas ele odeia o que chama de oligarquias da Bahia
Maior ódio que dos monarquistas de Canudos
São os monarquistas que ele considera responsáveis por esta guerra.

Dr FERREIRA NINA

Ele nem sabe de si, está inconsciente

MARJOR CUNHA MATOS

Segue uma vanguarda
chega em três dias ao Cumbe
sem o resto da força,
que fica na fazenda aquartelada algumas horas
até o Coronel restabelecer-se

CORONEL MOREIRA CEZAR

Onde estou?

BARONESA DE JEREMOABO

Sous ma protection, mon cher Colonel
Est-ce que vous voulez un té du capim grosso?

CORONEL MOREIRA CEZAR

Que estou fazendo aqui
Na casa Grande de uma oligarca
Este chá pode estar envenenado
Parto imediatamente...

BARONESA DE JEREMOABO

Vou pouvez classifer les gens comme ça
Vou etes mal, il le faut un bom té, pous vous reposer□

CORONEL MOREIRA CEZAR

Porque não fala a língua de nosso povo Madame
É por acaso uma espiã da Vendéia
Eu sou um republicano e não aceito a monarquia
nem chá de véia

BARONESA DE JEREMOABO

(chorando, quase desmaiando)

D'um le sconselheristas brulent tout mes maisons
D'outre cette indelicatesse e gros mots de mes egaux

Divie, xmon medicamentt □ mes nerfs brulen avec mes reliques brulées et la brutalité de cet étrange figure de la Belle et la Bête
Pauvre Bresil!

ORDENANÇA WANDERLEY

Dia 26

alcançamos o sítio de Cajazeiras,
abalamos direto ao norte, Serra Branca

(entra areia na pista, os soldados caminham no mesmo lugar)

Tudo o que eu quero é não morrer de segura

(Vem a taboleta “Serra Branca”)

A tropa esta exausta.
sequiosa.

Oito horas caminhando sem parar,
em pleno arder do sol bravio do verão.
Completa depleção das veias esgotadas pelo suor,
perco todo meu líquido

(Vem as zabaneiras rbdomantes; com suas varinhas localizam alguns litros d'água em baixo da terra, fazem sinais faceiros para o CABO WANDERLEY)

ali, na profundura da cava, uns litros d'água.

CORO DA ENGENHARIA

Vamos cavar com o tubo da bomba artesiana.

(É um suspense e um aguardar angustiante)

CABO ORDENANÇA WANDERLEY

Mas isso não é bate-estaca
Isso não facilita a penetração da sonda,
Esse aparelho é de função inteiramente oposta,
É um macaco de levantar pesos!

(Todos quedam a ficar por ali perplexos semi desmaiados)

CORONEL MOREIRA CEZAR

Já me haviam falado do senhor
(Tirando o revólver)
Não se intromete no que não lhe compete
Como castigo por esa parada insana
só há alvitrar-se partida imediata,
malgrado a distância percorrida,
para o sítio do Rosário,
seis léguas mais longe
Não acamparemos mais
Não acamparemos mais

(todos olham com ódio ao Cabo Wanderley e as Zabaneiras que tentam acarinhá-lo. O corneteiro toca o toque de
□em marcha□ A tropa combalida abala; vem a noite, o brilho das estrelas; no chão entra um rendilhado de espinhos
que coa a luz dos astros, um chão de martírios; a tropa caminha no mesmo lugar de oito ou dez léguas, sem folga.
Pisando um chão de silícios penetrando em cambaleios, torturados de sede,
acurvados sob as armas; os jagunços nas sombras começam a ladear a tropa. Tropear soturno das fileiras, estrépito
das carretas, tinidos das armas, na calada do ermo, assonância ilhada no silêncio. Afogam imperceptíveis estalidos

nas macegas. Os jagunços ladeiam a tropa, espionando.

O Cabo Wanderley recebe às vezes gotas nos lábios das rãdomantes que guardam um pouco do precioso líquido e passam nos lábios de outros soldados escondidas do Coronel Moreira Cezar. Ninguém nem pensa nos sertanejos. Todos sonham em marche marche no pouso. Seguem entregues

mas afinal vão parando em plena estrada: alguns estropiados perdem-se distanciados à retaguarda, os mais robustos como o Cabo a custo caminham. Uma alta por si só ou melhor sob o comando do fim do fôlego humano. Houve-se, somente a respiração ofegante final no silêncio até todos capotarem ritmicamente até caírem todos. O Cabo chora. Moreira vem feito uma múmia em seu cavalo que de repente para. Todos caem e dormem. Os sertanejos estão numa fogueira acesa muito próximos, comendo cabritos em pedaços grandes, quando a luz vem, partem. A luz se levanta - vem a manhã. O Alferes dormiu mal, de cansaço, é o primeiro a acordar enquanto os outros ainda dormem, chega até a fogueiras ainda morna, pega nos quartos de cabrito; não resiste, morde a carne, enquanto come vê rastros frescos na areia, entranhando-se nas caatingas)

CABO ORDENAÇA WANDERLEY (para uma Zabaneira)

Estou proibido de falar
mas os sertanejos passaram a noite aqui
rodeando-nos
invisíveis,
velando por nosso sono.

ZABANEIRA

E não foi?
(tira uma pexeira)
Não vai soltar o bico
(mostra a pexeira)
Senão não vai levantá mais esse periquito
Nós da zona sempre estamos do lado do freguês,
Pisa devagar é zona dos inimigos
de vocês.

(ela come um pededaço do cabrito e passa a faca acariciando o pau dêle. O Corneteiro toca o em marcha marcham em silêncio pois sentem que estão em zona do inimigo, mas niguém fala, de repente

OUTRA ZABANEIRA

uma fogueira de chicanos
pistola de dois canos
ferrão de caboclo boiadeiro
olha, impresso, um pé inteiro

CORONEL TAMARINDO

Estamos na barriga
Inimiga.

PRIMEIRA ZABANEIRA

Cuidado Coronel com a barriga
Inimiga entra é nela, faz figa!

GUIA JESUINO

Zambaneira
Rampeira
Respeita o protocolo
Te degolo.

PRIMEIRA ZABANEIRA

Vai dar o cú na cruz
Jesuino Jesús

CORONEL TAMARINDO

Eu até estou rindo
Já estou indo
Nesse ultimo passeio
Só não quero aperreio
É bom parar de marchar
Poupar forças pro recontro
descansar

GUIA JESUINO

Parar com todo respeito, é pra otário
Temos que aguentar até Rosário
antes do meio-dia,
là tem cacimbas, ipueiras
rosário que me guia
Garganta profunda
reza o rosário, lá a agua inunda
(faz um aboios do mantra água)
Senhora dos Afogados
tira do mar com todo cuidado
muita água pra esse lado
cria tudo e o criado
cria n'agua o abençoado

(A Tropa segue três passos e cai violento, um aguaceiro)

Milagre,
Sagre
Dilúvio
Fluivo!
Bebam! Bebam
Agua Santa de milagre
Recebam! Recebam!
No sovaco do Teatro do inimigo
vez primeira faro guerra nasceu do meu umbigo!

LAMA

(A Chuva pára a expedição que acampa na lama)

CABO ORDENANÇA WANDERLEY

O mês de março começa hoje
O março ambicionado
Os vindos de março,
Não sei porque, Guia
sinto que tudo vai se resolver em poucos dias
lá vem outra chuva

(a tropa desabrigada, ouve as notas da corneta de alarma.)

MOREIRA CEZAR

(Surge a cavalo magistral, pronto ao combate)

O inimigo liga-se ao furor dos elementos
e surge nesse chuveiro, de improviso,
disparando armas
no fragor da trovoada
abalando alturas...
Atacar!

TROPA E ZABANEIRAS

(Correndo e caindo, resvalando no chão de lama; esbarrando-se em carreiras cruzadas, a chuva caindo, os oficiais e praças procuram a formatura impossível, vestindo-se, apresilhando cinturões e talins, armando-se às carreiras; surdos às discordes vozes de comando; alinhando seções e companhias ao acaso, num tumulto. E Moreira Cezar rompeu de arremesso as tentativas de fileiras e voa como um centauro isolado, sem ordenanças, precipitando-se a galope entre os soldados tontos, e lançando-se pela estrada, na direção do inimigo).

ENGENHEIRO MILITAR

Vou atrás dele

JOSE AMERICO CAMELO DE SOUSA VELHO CORONEL DA GUARDA NACIONAL

Coronel Moreira Cezar,
Calma, ê cavalinho, ê,
Não atira sou eu
Coronel Da Guarda Nacional José Americo Camelo de Sousa!
Meu comboio é barulhento
Mas é barulho amigo,
Trago esse comboio de gêneros
Vindo das minhas fazendas em Juetê, Caiembê
Olhos D'Água

(Ouvem novos ruídos, nem há tempo de festejar)

MOREIRA CEZAR

O Inimigo!
Tropa formar,
Armas apontar...

(Entram os Meninos que haviam ficado em Monte Santo)

CORO DOS MENINOS

Somos nós os meninos do rancho do Nunca
Peter Pan que ficamos em Monte Santo
Já não choramos mais,
Ficamos corajosos
Trouwemos o correio
E cavalos para o esquadrão
Vocês estão viajando com uns muares imprestáveis!
Olhem nosso presente.

MOREIRA CEZAR

Meus adorados
Desculpem
Que saudades
Que belos cavalos.
Tropa vamos saudá-los
E ao Coronel Camelo também
Agora é festa!

CORO GERAL

Festa? O Coronel é bom
O Coronel é um santo.
O Coronel é nosso Marechal!
O Coronel é nosso Cezar.
Ave!

MOREIRA CEZAR

Vamos comemorar, mas
Vamos deitar cedo
Principalmente vocês pimpolhos
Devem estar exaustos

(pega no colo um)

Porque na madrugada do dia de hoje para amanhã: dia 2
os batalhões vão marchar em direção ao Angico
onde temos de chegar antes do meio dia

GUIA JESUINO

O Cansaço escondeu na minha trilha
Meditamos descansando nessa ilha
acampamos no grande curral
Rancho do Vigário
Começo da fabricação do meu mau
E é Zona do inimigo Sanguinário
Vamos seguir o tempo e a rota
que no meu coração tracei
Meu fio no labirinto me leva onde levei
Pro ponto de onde cheguei
E comecei outra vida torta
vivida pra encontrar a vida morta.

CABANA DE MOREIRA CEZAR

Reunião de Conselho.

(Alferes Wanderley é o escrivão)

MOREIRA CEZAR

O território inimigo é nosso acampamento!
Tomaram-se medidas assegurando nosso audacioso experimento?!

CUNHA MATOS

Estamos por piquetes rodeados
Sentinelas circulando em girados
Ao inimigo imitamos em aprendizados
De segurar pro seis lados.
(faz uma dança pra céu, inferno, norte, sul, leste, oeste)

CORONEL TAMARINDO

Aplausos Bato
Pra Cunha Matos!
Anjo Engraçado!

MOREIRA CEZAR

Nessa caatinga quis me adentrar
Um mosteiro brasileiro
pra me reconsiderar
Meditemos Guerreiros
meus meninos, meus anjos guardieiros.
Minha ânsia de chegar
Bicho alado sem paciência de pousar
é mais forte que meu eu
vem da entranha do corpo
que era meu
e a guerra fez seu.

Mas outro ser
concordo em obedecer
vosso plano
mais humano
definitivo de rota,
concebido com a intenção
de cristão
de poupar nossos homens esfalfados
e nas marchas olímpicas compensados
Pra não aí sermos derrotados.

CORONEL TAMARINDO

Recapitulando
e fechando

(Contando com os dedos)

1- A tropa pro Angico se abala dia 3
anda oito quilômetros,
se instala
descansa, pernoitando como reis
Só decampam dia 4
Légua e meia caminhando no Teatro,
Aí cai direto com tudo
Confluindo pra Canudos.

CUNHA MATOS

2- mas resguardos na investida,
modificações nos são impostas
na marcha que até então se aposta.
Sugiro em duas a divisão
da coluna unida até então,
uma vanguarda forte pro reconhecimento
pro combate primeiro
entrando a outra na ação,
como reforço na situação.
Se poderosos os recursos do adversário,
um recuo se faria necessário
em ordem para Monte Santo,
onde as forças entretanto, aumentadas, ensaiadas
retomariam seu Encanto

MOREIRA CEZAR

(dirigindo-se às crianças)

Que pensam os anjos da guarda?

CRIANÇAS

A nem pensar em nenhuma retirada.

MOREIRA CEZAR

Obrigado meus guias ao menino Jesus
No comando cada um de vós chefes pus
Não oculto a vós companheiros de historia minha segurança absoluta na vitória.
Escrivão traga a ata desta sessão
sobre elas, mãos
vossos planos se cumprirão
Está jurado, nesse grande momento.
Boa Noite fica assim nosso encerramento.

(Moreira apaga a luz, fica um abat jour, os oficiais saem, as crianças abraçam o Coronel, cúmplices, guias, mandantes, ele se derrete nos braços delas, o abat jour vai saindo e um toque de alvorecer traz de volta o dia; logo a seguir um

□toque de Partida□a tropa marcha para o Angico. Projeção enorme, dia 3 de março de 1897)

CUNHA MATOS

(para Tamarindo mostrando a Ordem do dia Projetada no Placar)

É a mesma da partida pro Cumbe

Nada refere do que hoje mesmo nos incumbe?

MANOEL ROSENDO

Manoel Rosendo

Guia me encomendo

Pra guerra pra paz

Sou de quem me paga mais

experimentado e bravo,

não tenho sentimento de vingança

nem de escravo

Sigo à frente de um piquete de exploradores montados

COMISSÃO DE ENGENHARIA

Comissão de engenharia

Na seca vai nossa pontaria

ARTILHEIROS

Somo atiradores da 7ª Companhia

Tenente Figueira nos comanda na Artilharia

a ala direita do 7º no trato

pelo major Cunha Matos,

de proteger o comboio de Munição

do 2º Regimento, da 1ª a Divisão

sob a imediata direção

de Salomão da Rocha;

ala esquerda do 7º

dirigida por Gavião Pinto;

capitão, de nome □E eu minto?□

1º tenente Marcos Pradel de Azambuja alegria

da segunda Divisão de Artilharia.

A ala direita do 9º, rindo

coronel comandante Tamarindo,

separada da esquerda, leva o comboio

dirigida pelo capitão Felipe Simões no aboio

À retaguarda o corpo de saúde

contingentes do 16º não desgrude

do capitão Quirino Villarim;

o comboio geral guardado na gana

pela polícia baiana, carregado de chanas.

(as putas, as tietes, as bruxas, as espiãs)

Por último a cavalaria.

O coronel Cezar, na vanguarda na vigia

entre a companhia de atiradores

e a ala direita do 7º, meninos arcos de cores

CABO ORDENAÇA WANDERLEY

Natureza imóvel depois do orgasmo

caída num grande espasmo,

sem uma flor, uma ramagem,

sem um bater de asas na paisagem.
Coluna em marcha, um fio estirado
não foi assim combinado,
linha de três quilômetros desenhado?!
Com um longo arriscado risco fino
tortuoso negro desdobrado intestino?!
Entra em mim um mau destino?
Os chefes se olham nada falam, desatino!
Dia 3 de março
porque disfarço
sinto de novo o breu
Não, passou, sou de novo eu.

(no ritmo do marchando, vai nascendo um evoé de quem vai ficando excitado, como quase glossolalias que vão virar a canção da psicologia do soldado, que o Cabo por enquanto fala- sola)

Vem vindo o dia, mas faz escuro
Seguimos a passo ordinário, seguro.
evolam vago nos ares
silabados marulhos milhares
ondas desencontradas
à meia voz projetadas
voz do povo, voz de deus, dizem é
também chamam de evoés
tem ritmos quebrados de iás e de ais,
salteados repentinos de risos joviais.

Psicologia do soldado brasileiro SE EU VOLTAR !

SOLDADOS
SOLO

Mais aproxima inimigo
Mais alegria explode do meu exército amigo
Me coça, me estroça, me faz cantar.

CORO DE SOLDADOS

Lances perigosos, emoção de morrer de matar
o planeta agora vive a passar
mundos, misturados, fim de todas as raças
instintos guerreiros em alto nas praças,
imprevidência selvagem,
inconsciência, sabotagem
o desapego à vida, à sorte
o arremesso fatalista pra a morte.

Sigo pra batalha, turbulento folguedo.
Insuportável é a paz, me relaxa, da mêdo
inclassificável nas paradas de rua
passo sem garbo, como quem já recua,
mole de carne e de bunda
sob a espingarda corcunda.
A guerra é melhor meio de instrução, decreto
inimigo, meu instrutor predileto,
transmuda-me na virada de um dia,
enrijam-me exercícios de cansar, fantasia
na marcha do combate,
o que nunca tivemos nas capitais, o arrebate

a altivez do porte,
a segurança do passo sem medo da morte,
a precisão do tiro, a celeridade das cargas
não sucumbem às provações mais amargas.
Ninguém me imita, desafio,
no caminhar dias a fio...
não bosquejo reclamações,
nem as mais leves
nas aperturas que nunca são breves
Quem me parelha no resistir à fome?
Ainda rindo rebolando o abdomem?
Meto no delírio do martírio
Troçar joça mais séria
gozo na riqueza da miséria.

Do combate, rir...
quem é capaz de entrar e sair?
O prussiano na vitória ou na derrota
mas cú-de-ferro como um podômetro preso à bota.
Sou desordenado,
Sou revoltado
garoto heróico, terrível e necessário
arrojando contra o adversário,
com a bala ou a pranchada, dou de lambuja
uma piada é o que sai da minha boca suja.

Por isto sou impróprio aos clássicos desdobramentos
das grandes massas nas campanhas clássicas
e nos grandes eventos
Manieta-me a formatura correta.
Estonteia-me a manobra complexa, completa.
Tortura-me a obrigação de combater restrito
às cornetas de ritmos quadrados sem mito
obedeço por prazer estratégias rebolantes,
sigo, impassível, para os pontos preocupantes
quando o inimigo me chega à ponta da espada
quero combater na minha jogada.
Sem rancor, fanfarrão,
folgando entre cutiladas e balas,
arriscando-me a loucura
barateando a bravura.

(mudanca brusca de ritmo, todos olham pra Moreira no Centro)

Faço tudo porém,
de olhos fixos de quem me quer bem
que me dirige
da energia dele viva me exige.
Mas à mínima vacilação do diretor
Viro de pronto só dor
todas minhas ousadias extintas
caio num abatimento instantâneo
salteado de invencível desânimo

Hoje, agora: tudo vaticina vitória
Com tal chefe?
Cogitar reveses na história?

Firmes para a frente,
impacientes
ter às mãos o adversário esquivo,
vender a pele do urso sertanejo vivo,
cenas jocotrágicas
là dentro, nas tendas mitológicas
varrendo a tiro o santuário
salafrário.

Quando eu voltar...
ninguem vai me acreditar
vou virar
de guerra herói
minha vida como dói!
Burburinhos confusos, evoés
sulcados por ondas risadas em ré ré
mal contidos da ralé.

CABO ORDENANÇA WANDERLEY

Manhã resplandescente
Alente
firmamento dos sertões arqueia
sobre nós irisado vagueia
do zênite azul rente
à púrpura em diagonal do oriente.

SOLDADOS

Porque deixa assim livre a natureza e o adversário
o caminho de céu lindo de seu santuário
É cilada? Não pior, é ameaça, desafio,
topar arraial de sediciosos, vazio!

(A TROPA TODA PARA)

TAMARINDO

Pra mim o desapontamento vem a calhar
A Guerra é meu ultimo passeio militar

CORO GERAL *(menos Wanderly e Tamarindo)*

Se não dispêndo um só cartucho□
Ah! Volta xixí
digo não, no meu bucho.
pratico haraquirí.

ORDENAÇA CABO WANDERLEY

Dia três
morro nesse numero de vez?
ou sobro pro dia quatro
pra atuar no amphiteatro...

(Chegam em Pitombas)

GUIA ROSENDO

(jogando uma baciinha de agua; conforme o que fala, desenha um arco úmido, que cria a visão da vila de Pitombas sendo entrada pela flecha da expedição)

Pitombas
o caminho é a corda
flecha do ribeirão que borda

a estrada
ora a transborda
interrompendo a marcha
em contramarcha
serpenteia
deixa a estrada
arquea-se
em longa volta,
Pitomba Vila no seu centro escolta
o caminho é a corda
flecha do ribeirão que acorda.

Primeiro Encontro

(A vanguarda atingiu o meio, estoura uma descarga de meia dúzia de tiros)

SOLDADOS

(em festa, agradecidos)
É o inimigo afinal.

(um piquete de sertanejos rondando ou ali aguardando aproveita o terreno para um ataque instantâneo cai um soldado ferido - o Cabo Ordenação Wanderley além de seis a sete soldados. Fogem a tempo de escapar à réplica, que foi pronta).

CAPITÃO SALOMÃO

Coiterar os canhões
explodir no matagal.

(Varre, como um vento. Cunha Matos e ala direita do 7º lançam-se na direção do inimigo, atufando-se nas macegas, a marche-marche, roçando-as a baioneta. O inimigo foge e a ala retorna à linha da coluna. Aclamações. O Corneteiro toca, o antigo toque de “trindades”, agora o sinal da vitória, em vibrações altíssimas; Moreira Cezar abraça, num lance de alegria sincera, Cunha Matos que dera aquele repelão valente no antagonista)

MOREIRA CEZAR

Rencontro pantagruélico
É quase para lastimar
tanto aparelho bélico,
tanta gente, pra lutar
tão luxuosa encenação
em campanha em liquidação
em meia dúzia de disparação□
(para o Médico)
E os feridos em estado grave?

MÉDICO

São somente feridos de feridas localizadas
já foram desinfetadas.
Já o Cabo Wanderley
Escapou por um triz
O tiro passou-lhe rente ao nariz
(todos riem)

MOREIRA CEZAR

O Inimigo até advinhou, foi castigado
Nariz não se mete onde não é chamado.

ORDENAÇÃO CABO WANDERLEY

Ao Contrário. Ficou com o faro mais apurado.

CAPITÃO SALOMÃO

Nossos despojos da nau:

uma pica-pau,

cano finíssimo, leve espingarda

Cuidado, está carregada.

(passa para o Coronel Moreira que está a cavalo e dispara-a para o ar. Um tiro insignificante)

A CRIANÇA ADORADA

Não viu o cabo, coitadinho

não mata nem passarinho.

MOREIRA CEZAR

(tranqüilo)

Esta gente está desarmada

Seja a marcha, rápida reatada

agora, a passos acelerados

fiquem em Pitombas

(olhando os feridos)

médicos, cuidem destas □bombas□

sob a proteção

dum resto de cavalaria

contingente policial da base dessa freguesia.

CABO ORDENAÇA WANDERLEY

Sigo com a tropa e protejo o Corpo Meretriz

Está de palhaço agora o meu nariz.

(Todos debocham, os combatentes partem céleres; batem o caminho e embrenham-se no meio do público-catingas rastreado os espias que acaso por ali houvesse)

SOLDADOS

Quem torce pro exército?

Quem torce pros sertanejos?

Onde estão terroristas?

Onde estão indecisos?

(desinçando tocaias prováveis, procurando alcançar os fugitivos para Canudos)

SOLDADOS

Tropa marche-marche, absoluta

Na atração irreprimível da luta, ebiez mental deliciosa, estonteia duplamente fortalecido balanceia entre a própria força heroificada

e a licença absoluta pras brutalidades

li-be-ra-da!!!!!!!!!!

num exército que persegue está vivo

o mesmo automatismo impulsivo

do exército que foge sobrevivo

O pânico, a bravura poema,

o extremo pavor, a audácia extrema,

a mesma vertigem, a mesma nevrose

estimulam, alucinam em idêntica dóse

o homem que foge à morte

e o homem que quer matar.

exército antes de tudo é,

uma multidão
um evoé
basta uma centelha de paixão
pra súbita transformação
espontânea geração
milhares de indivíduos diversos
se fazem um animal único perverso
fera anônima monstruosa
caminhando para dado objetivo
no tempo imperativo
Somente um chefe de fortaleza moral
pode impor no tumulto outro ritual

estrategistas farejam no instinto:
primeira vitória: o contágio emocional extinto
os sentimentos na instabilidade
com a mesma intensidade
lançam o combatente nos vertigos
da fuga e dos perigos

Um plano de guerra riscado a compasso
exige almas inertes, nervos de aço
máquinas de matar encarrilhadas
nas linhas projetadas

CORONEL MOREIRA CEZAR

Ideal sinistro de ação
ao invés de reprimir a agitação
quero mais é a emoção,
a osmose
Declaro-me expoente da paixão,
da nevrose!

CUNHA MATOS

Breque, o momento é chegado
Angico, angel pequeno tan esperado
Estatuído está
Vamos repousar
Decampamos amanhã de manhã
Caiamos sôbre Canudos Titãs,
Descansar!
(os soldados começam a desmobilização, Moreira interrompe)

CORONEL MOREIRA CEZAR

Meus camaradas !
Como sabem, estou visivelmente enfermo.
Há muitos dias não me alimento; mas Canudos está muito perto. Vamos tomá-lo !
Já chegaram os idos de março!

CABO ORDENAÇA WALDERLEY

Terceiro dia ainda não ido de Março
Amado Cezar, não vâ para Canudos!

(exitação na tropa, Moreira fala bem alto)

MOREIRA CEZAR

Vamos almoçar em Canudos!

(Responde-lhe uma ovação da soldadesca. A marcha prossegue. Em direção de Canudos, um rápido fogo de conselho de guerrilha)

JOÃO ABADE

Vamos atrair a tropa pra nossa arapuça
Somos agora seus guias nessa sinuca
raros,
nos disparos
tiros espaçados,
de adversários
apavorados
em fuga.

Estratégia animal,
Arrebatam a tropa até ao arraial
combalida, exaustica, lingua de fóra
de uma marcha de seis hora...

(somem nas trincheiras e mutãs, enquanto o exército continua a marcha)

MOREIRA CEZAR

Em acelerado!
Praças!
Fora:
Mochilas,
Cantis
Bornais,

(ligeira confusão, Moreira rege como um maestro)

Sem perder o andamento !
Fóra! Todas peças do equipamento,
excluídos cartuchos, armamentos,
à retaguarda cavalaria,
vai recolhendo suas porcarias.

(deparando Canudos)

Alto!

(Todos param ofegantes. Silencio onde se ouve só a respiração dos homens e dos cavalos)

GUIA JESUINO

(aponta, tirando o gesto do olho do coração)
A Luz dos meus olhos em projeção
Ilumina o arraial nesta direção

MOREIRA CEZAR

Divisão Pradel no rumo indicado aponta o canhão
gradua a alça de mira
pra três quilômetros de extensão.

(quase jovial, com o humorismo superior de um forte)

Dois tiros certos
Là se vão dois cartões de visita ao Conselheiro...

(A frase passa como um frêmito entre as fileiras. Aclamações. Renova-se a investida febrilmente o sol dardeja à prumo. Os Batalhões abalam dentro de uma nuvem pesada e quente de poeira;

De súbito, estacam surpreendendo-se com a vista de Canudos do alto da Favela; na pista a planta baixa é trazida por um tapete arquitetônico de cor contrastante com a terra, marcando casas, ruas, e becos; alguns biombos em forma dos livros do tamanho das edições do Benucci de “Os Sertões” estão de pé, entram sobre o tapete como as montanhas já habitadas nas estruturas, o Sino Alçado e Potente, com os badalos bem iluminados, as Torres Gêmeas da Igreja Nova, talvez Mutãs)

OFICIAIS EM CORO

Troia de Taipa! Mítica!

Tapera Imensa! Minha GeoPolítica!

Existe! Viva! Monolítica!

As expedições anteriores não conseguiram te alcançar
está aqui na nossa frente a nos chamar.

Ruga da Terra: 5 mil casebres

Duas igrejas nítidas célebres

a do Sino

(olham à direita)

a nova,

(olham à esquerda)

andaimes e bailéus,

baluarte erguido soberbos aos céus!

Montanhas arquibancadas rebolando em curvas de nível

Incrível

No fastígio da montanhosa platéia

nós, antagonistas no dia da estréia!

Triple Merde!

CUNHA MATOS

Fogo!

(os soldados da artilharia mandam ver em metralha violenta pela direita. Vem chegando o resto da Infantaria pelas últimas ladeiras da estrutura. Os canhões alinham-se para a batalha, chegam pelas estruturas os primeiros pelotões embaralhados e arfando, sem nem olhar Canudos; abrem o canhoneio disparando todos a um tempo em tiros mergulhantes. Simultaneamente às cargas dos tiros, os atores que fazem os sertanejos fazem estraçoar um biombo de papel como a explosão, outros enterram o biombo casa-livro, outros atiram pelos ares os tetos de argila, pulverizam as paredes de adobes (biombos de terra) a contra-regragem atea os primeiros incêndios□fumaça de pólvora, de incenso e de gelo seco, compacta, nuvem de poeira e de fumo, cobrindo tudo, mal se vê qualquer coisa)

ELETRIC SOUND

(O troar solene da artilharia estruge os ares; reboa longamente por todo o âmbito desses ermos, na assonância ensurdecidora dos ecos refluídos das montanhas□Timoteo bate o sino da igreja velha, toque de chamar os fiéis pra a batalha. O arraial começa a ser visto pelos claros do fumo como uma colmeia alarmada: passam correndo, carregando ou arrastando pelo braço crianças, as últimas mulheres, na direção da latada, procurando o anteparo dos muros da igreja nova. Grupos inúmeros, dispersos, rompem do alto das estruturas, sopesam as armas, dos becos; saltam do alto. Alguns em fuga, no extremo do arraial, desaparecem no descair das colinas que podem começar a existir na pista do lado norte como uma elevação que contracena com a rampa sul do Teatro□)

MOREIRA CEZAR

(para as 3 crianças adoradas como se estivesse num camarote de teatro, chochichando)

A bravura dos soldados

a competência dos oficiais empenhados

não são nada

diante o tremor e o terror

da caipirada

apavorada

em fuga de horrores
colhida por nossas Krupps
meu armores.

(as crianças morrem de rir e o Major também. Toda companhia do 7º, do Alto do Morro da Favela, faz fogo por alguns minutos sobre um sertanejo que vem do norte)

SERTANE(O)A ZEN

O sertanejo não apressa o andar. Para às vezes.

Impassível apruma-se ao longe considerando a força por instantes, e prossegue depois, tranqüilamente, num desafio irritante. Surpreendidos, os soldados atiram nervosamente sobre o ser excepcional, que parece com prazer-se em ser alvo de um exército. Em dado momento ele senta-se à beira do caminho e parece bater o isqueiro, acende o cachimbo. Os soldados riem, o vulto levanta-se e encobre-se, lento e lento, entre as primeiras casas. Por fim emudece o sino que tocou todo tempo sem parar em várias linguagens e ritmos)

MOREIRA CEZAR

(quase sussurando de prazer e intensidade)

Vamos tomar o arraial sem disparar mais um tiro! □ à baioneta!

(Silencio absoluto. A força começa a descer, estirada pelas laterais, diferenciadas; uma parte, a esquerda, em buracão e a outra parte pela direita, plana; na pista devem poder entrar essas elevações diferenciadas, que já entrariam antes. A Luz ressalta as baionetas deslumbrando num irradiar espelhado como se fossem centenas. No Placar da Projeção: uma hora da tarde. A infantaria vem descendo estremada à direita pelo 7º, que vai tendendo para o Vaza Barris e à esquerda pelos 9º e 16º com muita dificuldade em terreno impróprio. A artilharia no centro, sobre o último esporão do Morro da Favela fronteiro e de nível com o teto da Igreja Nova, faz-se o eixo desta tenalha prestes a fechar-se, apertando os flancos do arraial.)

SOLDADOS

(gritam dos dois lados: esquerdo e direito e ainda olham para cima, para os canhões)

Parem estamos nos matando!

Fogo amigo?!

Ninguém olha pra onde está atirando?

Deixa de olhar pro umbigo.

Olha o inimigo está là, esculhambando!

SALOMÃO DA ROCHA

Por Alá!

Nem a Igreja

nem o povoado,

a artilharia pode bombardear

fora eu não há outro técnico que veja?

Tá na cara desde o primeiro minuto da peleja

caralho de Plano Militar de Português!

Estamos a atirar no proprio freguês

indistintos com os adversários

dentro desses enredamentos hilários!

Não podemos fazer nada,

vamos cruzar os braços assitir a palhaçada

Cidadela-mundéu

IGREJA VELHA

(Vibra de novo o sino da igreja velha... uma fuzilaria intensa irrompe das paredes e tetos das vivendas mais próximas ao rio)

IGREJA NOVA

(estrondam, numa explosão única, os bacamartes dos guerrilheiros adensados dentro da igreja nova.)

TROPA

*(Ressoam os toques das **cornetas** de todos os corpos)*

DIREITA

O 7°

*Favorecido pelo terreno, o 7° Batalhão marcha em acelerado,
sob uma saraivada de chumbo e seixos rolados,
até à borda do rio.*

*Vinga a barranca oposta,
entram na praça os primeiros soldados, em grupos,
sem coisa alguma que lembre a formatura do combate.*

*Alguns ali mesmo tombam, rolam na água,
arrastados na corrente, que se listra de sangue.*

(O Vaza Barris se mancha de vermelho)

*A maioria avança,
batida dos lados e de frente pelos sertanejos...*

ESQUERDA

O 9°

*Uma ala do 9° na extrema esquerda
com o Coronel Tamarindo escondendo-se entre os soldados,
vencendo as dificuldades da marcha toda tropeçada,
toma posição à retaguarda da igreja nova*

CENTRO

*O 16° e a ala direita do 7°
investem pelo centro, num avançar temerário.
O Combate não tem evolução ou movimento combinado,
Nada que revele a presença de um chefe*

O EXÉRCITO FRACIONA-SE

O CORO ENTRA COM UM ENORME PARANGOLÉ DE CIDADELA: ARMADILHA EM FORMA DE UMA REDE TRAMADA DE BIOMBOS

CORO DE CANUDOS

*Entretecido de becos
de menos de dois metros,
trançados,
cruzados
muros de taipa, frágil donzela,
Sou Canudos pior que uma cidadela*

*Agressores destruam-me aos coices
quebrem minhas foices
abatam-me as paredes,
minhas redes
meus tetos de barro,
varem-me com seus carros.
De todos os lados
tenho inconsistência flexível traiçoeira,
de rede, de flagelado
de mulher rendida rendeira
É fácil me penetrar,*

bater,
me varrer
me dominar
varejar,
dificílimo me deixar.
Minha tática é perigosa
É a do meu sertanejo
temerosa
da minha mandrágora
dengosa.
É não resistir.
Não oponho rijeza de tijolo
ao arrebentamento das granadas do canhão
amortecem sem explosão
Te atraio oh assalto,
Vêm oh ímpeto das cargas do alfato/asfalto (?)
invasores, embriagados de vitória,
disseminados divididos pela glória
nas minhas vielas contorcidas
lombrigas esmagadas
deglutidas
nas minhas entranhas contraídas

(As Mandrágoras estão núas, de pernas abertas centrando o Parangolé Cidade, os soldados do exército se aproximam famintos e chegam até as bocetas e fartam-se)

MANDRÁGORAS

Na história sombria das cidades batidas,
humílimo vilarejo surjo em Majestade
num lampejo de trágica originalidade.
Intacto □ sou fragílimo;
feito escombros □ formidável.

Rendo-me para vencer, vencido
ao conquistador surpreendido
apareço na retina
inexpugnável e em ruína.

Envergadura de ferro do exército
Me desarticula, me abala inteira
Me faz um montão de poeira, uma tralheira

(as Mandrágoras dão uma chave de boceta nos soldados)

Suçarana sem esperteza
está presa
entre meus vacilantes tabiques
de pau a pique
agita-se, vigorosa e deita
nas malhas de armadilha bem feita.

A prática dos meus jagunços na caça
inspira, traça
a criação pasmosa da “cidadela-mundéu” □
Cidade Armadinha do tabaréu
desabe-me
sobre vós mesmos
acabe...

PLANOS APROXIMADOS
LABIRINTO DE TODA A PLANTA BAIXA DO ARRAIAL

TABULEIRO DE XADREZ - Duas Cores

COROGRAFIA DA DA CAÇA LEVANDO O CAÇADOR PARA ARMADILHA

(PROLOGO:INCÊNDIO)

UM GRUPO DO EXÉRCITO

Atravessa o rio, lança-se às primeiras casas da margem, toca fogo.

FUGA

SERTANEJOS EM FUGA ESTRATEGICA

os que as guarneçiam fogem por outros abrigos adiante, em fuga estratégica, de provocação para dividir os soldados

PERSEGUIÇÃO

SOLDADOS

Perseguem,

*pelotões se dissolvem no chão labirinto riscado nas vielas estreitas, entalam-se
enfiam-se a dois de fundo atropelados.*

*Torcem esquinas como de um jogo de amarelinha no chão,
esquinas de casa a casa;*

dobram-nas em desordem,

armas suspensas uns,

atirando outros ao acaso, à toa,

vão dividindo-se, a pouco e pouco,

em sessões pervagantes para toda a banda;

e partem-se, em grupos cada vez mais dispersos

dissolvendo-se em combatentes isolados...

(A luz foca um combatente isolado)

*Do alto se tem o espetáculo estranho de um entocamento de batalhões, afundando, de súbito,
no casario indistinto.*

(LUZ FOCO QUADRADO CASA como se fosse de casa em casa)

FOCO 1

UMA CASA

UM SOLDADO

*Escancara com um um coice de arma a porta
ou racha a parede (imaginárias?)*

A casa está vazia.

FOCO 2

UM SOLDADO

Invade outra casa

SERTANEJO

abocado a um cano de espingarda, faz baquear o soldado com tiros à queima-roupa.

SOLDADOS PRÓXIMOS

Acodem companheiros mais próximos, num pugilato corpo a corpo, bruto, até que os soldados, mais numerosos, 49

transpõe o portal estreito do casebre.

SERTANEJO

Là dentro, num recanto escuro, o morador repellido descarrega em cima o último tiro e foge.

FOCO 3

SOLDADO

Invade outro casebre de lado oposto ao anterior

SERTANEJO

*Defende tenazmente o lar paupérrimo.
E revida, sozinho contra a matula vitoriosa,
com a qual se afoita
repele-as à faca a tiro, a foiçadas, com o aguilhão
com os trastes miseráveis,
arroja-se afinal, ele próprio, resfolegando,
procurando estrangular o primeiro que lhe caísse entre os braços*

MULHERES

Em torno mulheres desatinadas atacavam os grupos em luta suja, pelo saco, pelos cúis em gritos de fúrias

SERTANEJO

*O sertanejo lutador temerário rola pelos cantos
até baquear no chão, cosido à baioneta
ou esmoído a coronhadas,
pisado sob o rompão dos coturnos.*

MULHERES

Continuam lutando até quase desnudar os soldados

SOLDADOS

Atormentados em fuga, com a gritaria das bacas

FOCO 4 MÓVEL

SOLDADO

Aparece correndo atrás de um sertanejo em fuga e topa, de súbito na frente, desembocando numa esquina, magote de sertanejos. Estaca atônito. Mal dando tempo para uma pontaria mal feita e uma descarga, recuam, entrando numa casa.

FOCO 5

(Quadrados de uma casa)

SETANEJOS

Entocaiados matam o soldado do béco.

(O movimento dos seis focos como numa sinfonia podem repetir-se ao infinito, num jogo ritmico ágil, de video game)

PLANO GERAL

MULHERES E ESTROPIADOS

*Perseguem os soldados fugindo por toda a banda,
clamando, amaldiçoando, rezando □
A multidão da legião armada de muletas □ velhos trementes, aleijões de toda espécie, mancos apavoram.
Doentes de doenças contagiosas, fazem uma espécie de guerra química, espantando os soldados com panos encharcados de sangue leproso, aidético.*

SOLDADOS SOBREVIVENTES

Perdidos por fim, no arraial convulsionado e imenso.

NO CAMAROTE

ESTADO MAIOR *(Com binóculos)*

(A luz e os vídeos mostram o que eles mal vêem; continua um ruído eletrônico DJ de todas as guerras e guerrilhas do mundo do momento, misturado com ruídos dos atores de defesa e ataque)

A tropa desaparece no labirinto de Canudos.

As vezes aparecem cenas de lutas que desaparecem, como num resumo da cena anterior dos focos, com mais velocidade, mal vistos entre o fumo, embrulhados, numa luta braço a braço.

ATIRADORES DA IGREJA NOVA

Permanecem firmes, visando tranqüilos, impunes, e atirando no que escolhem.

A ARTILHARIA DO MORRO DA FAVELA

*Evita atirar, teme qualquer desvio de trajetória,
que lance as balas entre os próprios companheiros encobertos;*

(no som da da refrega, ouvem-se mais altas as pancadas repetidas do sino na igreja velha)

NA PARTE ALTA DE CANUDOS NAS ESTRUTURAS

*Em defesa a cavaleiro do inimigo, um atirador único
vê o tabuleiro de xadrez, que faculta extraordinário cruzamento de fogos, permitindo-lhe a apontar para os quadrantes sem abandonar seu ponto□*

MOREIRA CEZAR

Cavalaria, pelo centro, atacar!

CAVALARIA

*Cavalos abombados, rengueando sobre as pernas bambas, largam em meio galope curto até à beira do rio;
as águas respingam chofradas de tiros e pedrinhas. Os animais assustadiços refugam. Dilacerados à espada,
chibateados à espada, mal vadem até o meio da corrente empinando, e curveteando, freios tomados nos dentes;
cospem da sela os cavaleiros, volem em desordem à posição primitiva.*

POLICIA

Depois de transpor o rio com água pelos joelhos, se afoga na correnteza

MOREIRA CEZAR

Eu vou dar brio àquela gente□

(Desce a cavalo branco; a meio caminho, porém, refreia o cavalo. Vídeo focado no Cabo Ordenança Wanderley e na sua alça de mira focada em Moreira Cezar)

CABO ORDENAÇA WANDRELEY

Eu te avisei Cezar, fui insistente...

(vídeo focado na alça de mira de João Abade)

JOÃO ABADE

Moreira

Fui João filho do Diabo

Cezar é da minha antiga irmandade

Vai Diabo, atira João Abade

(O Ordenança Cabo Wanderley e João Abade atiram de lados opostos ao mesmo tempo, uma câmera foca o Cezar inclinado-se, abandonando as rédeas, caindo sobre o cavalo)

MEDICO

(acudindo)

Foi atingido no ventre por uma bala.

(O Estado-maior o rodeia e parte da artilharia os protege)

MOREIRA CEZAR

Não foi nada
um ferimento leve

MEDICO

Está mortalmente ferido.

(MC Não descavalga. Volve amparado por Cunha Matos.

CABO WANDERLEY AO SUL, JOÃO ABADE AO NORTE E A ZABANEIRA DE SOSLAIO. Câmaras focam João Abade, a Zabaneira, e Cabo Wanderley, os três atiram ao mesmo tempo.)

MEDICO

Seis tiros
Me retiro
antes do abate
o Coronel, está fora de combate
três diferentes pontarias
pecado dizer, veio da infantaria

(carregam o corpo para um quadrado de luz verde onde estão feridos sangrando; neste quadrado um losango amarelo, onde instalam o corpo agonizando e sangrando; no centro uma bola de luz onde há o trono de Cezar, o barril de pólvora. A bandeira Brasileira de luz pra onde vem oficiais de toda direção e vão fazendo um círculo que vai encontrar-se na ponta com o Coronel Tamarindo, vindo do lado norte, farda estirada, sangrada, queimada, visivelmente comovido e abalado; o círculo se faz em torno do Coronel e o acua até o Barril de Pólvora Trono)

NOVO CEZAR

CORONEL TAMARINDO

(chorando praparrando seu cachimbo)

Quem sou eu
Oh meu Deus!?
Pra assumir esse comando
sem salvar meu próprio batalhão,
no rio sangrando em aflição
estou eu mesmo desanimando?
Sou homem avesso a bizarrear façanha,
contra meu querer incluído nessa campanha.

(A Luz vai para o Sino da Igreja Velha que recomeça a bater alarmando, chamando os jagunços à luta, e abrem o leito do Parangolé do Vaza Barris e esparramam a enchente de soldados; os soldados estão ensopados, música FUGAFREVO BACHIANO)

CORO DE SOLDADOS RECUANDO

Somos do Vaza-Barris engrossado
uma enchente fora do leito transbordado
saltando
acachoando,
estrugindo...
Bandos estonteados caindo
primeiros rechaçados
outros e mais outros recuados
correndo desalinhados
oficiais e soldados

misturados,
poentos, chamuscados
fardas em tiras, correndo alarmados,
disparando à toa espingardas,
vociferando retaguardas
ondas tontas, em fuga bachiadas,
torcidas, estouradas
a tiros rolando
sem comando,
cada um a seu modo lutando,
na correnteza das águas enxurrando
sem armas, feridos pelotões,
na hipnose do pânico, aos empurrões
apisoando malferidos tombando
extenuados afastando
derrubando
afogando
no estrídulo discordante vozear
ansiando as margens do rio vingar
filando-se às pernas dos felizes
que conseguem nos deslizes
levantar
agarrando-se às matas
escassas,
nas armas escorando
embaralhando
fervilhando
recuando
recuando
coando.

(escutam todos apavorados; o sineiro da Igreja velha para de tocar interrompendo o alarma)

SERTANEJA(O)S

No norte os jagunços disparam a última descarga, fumaça densa; harmoniosamente a Luz, faz cair a noite na claridade morta do crepúsculo; descobrindo-se atirando aos pés os chapéus de couro, as mulheres ascendendo fogueiras, começam a murmurar as notas da Ave-Maria

AVE MARIA

E a noite desce...
reza uma prece
Ave Maria
Ave Maria

(as luzes se reacendem no quadrado)

QUADRADO

Fileiras desunidas e bambas, a oficialidade, os feridos, as ambulâncias, o trem da artilharia, os cargueiros. Todos imóveis como um museu de cera escutando a Ave Maria, ouve-se a respiração de Moreira Cezar que tem a seu lado o Cabo Wanderley, compungido; luz diferente focando a agonia; no centro, sentado no barril, Cornel Tamarindo

CORONEL TAMARINDO

Pobre comprimido corpo expedicionário
Preocupado só em evitar o adversário
tão ansiosamente procurado,
é agora esse traste embolado.

Animais, fardas, canhões sem artimanha
entupindo uma dobra de montanha...

(Cessa a Ave Maria. Silêncio escuridão do mundo; as estrelas de calor nos céus; braseiros dos incêndios na terra no lado de Canudos)

Cada estrela fixa sem cintilações
irradia um foco de calor nos trágicos sertões
noite ardentíssima sem nuvens no horizonte,
de minuto em minuto tua lisa fronte
reflete relâmpagos de tempestades longínquas □ humidades □
Nada se vê do arraial.
Tudo desaparece nessa noite do irreal.

MEDICO

(exasuto, com as roupas sujas de sangue, chamuscadas, para Tamarindo, falando baixo enquanto se ouve gemidos baixos, e relinchos)

quase pisados... cavalos espavoridos,
cento trinta e quatro feridos
se arrastam de sede, dores, nos apoios
das carretas, dos fardos dos comboios.

CORONEL TAMARINDO

E o nosso ainda Cezar

MEDICO

(olham pro corpo de Cezar e do Cabo Wanderley que ao seu lado reza)

Só com muita reza
não se pode bem curá-lo no escuro
da luz de um fósforo, rápido fulguro,
dizem é risco, por todos temido
e o número de médicos, reduzido
não basta pra o numero de ferido
extraviado, desaparecido
por enquanto um morto
(conhichando mais, olhando Moreira Cezar)
o inferno espera o outro consumido

CORONEL TAMARINDO

Falta mesmo um comando firme.
Essa responsabilidade me oprime,
maldigo meu destino extravagante
e a tí médico vexante
fosse eu um comandante, te mandava chicotear
de uma catástrofe, sou herdeiro forçado,
delibero o nada, rei de Shakespere, colonizado.

CUNHA MATOS

(acompanhado do Comando Maior)

Esse cerro está demais do inimigo aproximado
Promíscuo, essa noite pode ser assaltado.
É forçoso abandoná-lo comandante
Arrastando canhões, nesse instante.
Iniciem-se as deslocções.

CORONEL TAMARINDO

(explodindo)

Comandante? De um Comando que comandas

Senta aqui neste barril, explode, tu mandas!
(contendo-se depois de uma cachimbada)
Eu aqui entronado à força neste tambor
vivendo o estoicismo da dor
do meu próprio desalento
abdico desse meu tormento
meu único Ministro
meu Canudo de Pito
recomenda: levantar a turba esmorecida
é pra gente valorosa, como há aqui, esclarecida

CUNHA MATOS

É missão
tenho a intuição
da oficialidade pronta ao sacrifício
velho comandante esse, sinto, é vosso ofício

CORONEL TAMARINDO

(explodindo novamente)
Cunha Matos, pára com isso, dói!
Quer me passar tua pinta de herói?
(acalmado-se com outra canudada)
A coletividade presa de violenta emoção
precisa de um Ham-let de decisão
minhas qualidades pessoais, mesmo antes
nunca foram brilhantes.
Quedo-me impassível,
é mesmo inadmissível
alheio à ansiedade geral□
Minha ordem da noite afinal
pra quem a vida preza:
passar meu reinado ao comando de outro Cezar.
(controlando como uma foloclórica nordestina)
É tempo de murici
cada um cuide de si
(silêncio escandalizado)

SALOMÃO DA ROCHA

É possível revide, novo assalto
a força pega o inimigo incauto.
Antes do despontar da manhã
despontar em arremetida sobre os fanáticos.
Vai nos acordar!
Depois que os deixarmos abalados
um bombardeio maior que o primeiro realizado.

CAPITÃO VILLARIM

(explodindo, mas mantendo como todos um falar sussurado por causa da agonia de Cezar)
A vitória deve ser alcançada
a despeito de tudo que tenha que ser sacrificado.
Nos quatro lados desse quadrado mal feito
joga-se o destino da República, seu conceito.
É preciso vencer.
Repugna
revolta
humilha
angustia

é de matar
é de morrer
essa situação ridícula mas grave, infernos!
Aqui no meio de canhões modernos,
carregando armas primorosas,
sentados um bando de medrosas
sobre cunhetes repletos de cartuchos...
dando-nos aos luxos
de sermos encurralados sem ficar putos
por uma turba de matutos!

CUNHA MATOS

Consideremos friamente a situação,
sem ilusão.
Um rápido confronto, uma comparação:
a tropa que chegou horas antes,
entusiasta na vitória, confiante
e a que aqui está agora,
vencida, patética, por fóra
uma solução unica pode ser patenteada:

COMANDO GERAL MENOS SALOMÃO E VILARIM

a retirada.

(Vão até o lugar onde está estirado Moreira Cezar tendo ao lado o Cabo Wanderley que a tudo segue reagindo; as crianças segurando nas mãos do chefe sentadas no chão. Médicos)

CUNHA MATOS

Coronelíssimo Moreira Cezar,
eu Marjor de Infantaria Cunha Matos
incunbido estou por nosso Oficialato
À científicá-lo de nossa resolução pro agora
à Vigésima Terceira Hora.
Nós oficiais reunidos
votamos decididos:
por maioria está decretada
para esse instante nossa retirada

MOREIRA CEZAR

(olha a todos, aperta as mãos das crianças que choram, olha o Cabo, olha o Comando, começa a rir, depois a chorar, cai a máscara, agora sinceramente explode como um vulcão, tudo que segurou na vida)

Está Impugnada

Impugnada

Impugnada

(perde a força, os medicos aproximam-se, ele os afasta emocionado)

Estou dolorosamente surpreendido

E ofendido, ofendido

(abraça sua criança mais querida, chorando baixo)

meu amor à arte militar

me pede Cezar, acalmar...

considerem oficiais, na cena das campanhas

inflexível dever militar, dar suas entranhas

à quem não se dà, posso friamente demonstrar.

Há todos os elementos para um novo embate

mais do terço da tropa está apta pro combate

há dois terços de munição

há talvez oitocentos soldados aptos pra ação

Não é Rocha, Salomão

(Salomão tenta conter o choro mas não consegue)

SALOMÃO

Capitão Vilarim e eu fomos voto vencido
Sim temos sobre o inimigo, domínio renhido.

MOREIRA CEZAR

(num crescendo de cólera e de angústia)

Será uma mácula pra eternidade
a sombrear meu nome na crueldade
Não me sacrifiquem, minha ordem do dia
a essa incomensurável, profana cobardia.

CORO DO COMANDO MILITAR MENOS TAMARINDO, VILLARIM E SALOMÃO ROCHA*(entreolhando-se)*

É enorme nossa tristeza, nossa emoção.
Apesar de toda sua brilhante argumentação
mantemos a resolução.

CABO WANDERLEY

(que está prostrado junto ao corpo de respiração agonizante de Moreira)

Porque meus superiores intesificam a agonia
do mais valente herói do nosso dia.

CORONEL MOREIRA CEZAR

Eu ainda sou o Cezar da Terceira Expedição
Dou minha a sua última ordem atenção
Ordenança faça uma ata, dito
(O Ordenança vai escrevendo num livro militar)
Declaro que hoje, dia três de março de 1897
deixo aqui registrado meu, tirem o casquete!
A repugnante covardia de meus oficiais
apesar de termos condições de avança ideais,
vergonhasamente, plenos de efetivos, municões
recuam para a vergonha nossa entre as nações.
Não sejam somente palavras vazias a ditar
declaro nesta, meu abandono da carreira militar.

CABO WANDERLEY

(exita)

Ilustre Cezar□ não se pode abandonar
o que é nossa vida, nosso corpo, noso amar!

MOREIRA CEZAR

Obedeça-me fiel Ordenança
que meu ato vire eterna lembrança
de amor contra o vilipêndio da carreira militar
a doida oração do chefe por três balas ferido
não comoveu vossa dignidade, oficiais batidos

(No Arraial mantras e canticos noturnos são entoados, avesmarias, enquanto fumam a jurema, e cantam a sua Ave Maria: as juremas, revigorando-se para o combate)

SOLDADOS MESTIÇOS

A luta sertaneja essa noite tem feição misteriosa
Mestiços da mesma massa de sangue gozoza
algo empolgante, maravilhoso, do bem no mal
nos invade um doce terror sobrenatural

Jagunço, brutal, entroncado, perecível
Dilue-se em um duende intangível.

UM FERIDO

Não consegui ver um único.

CABO SURUBIM

Tive eu, na primeira,
na segunda,
e na terceira expedição
um milagre, a ressurreição,
vi com meus olhos, quatro cabecilhas
que foram mortos em pilhas
por pedras massacrados no ensaio do Cambaio;
reincorporados
Ressucitados

CORO DE SOLDADOS

São lutadores-fantasmas,
Invisíveis ectoplasmas
ante eles, nos batemos impotentes temerosos dentre ruínas resistentes, atravessam incólumes braseiros
dos casebres em chamas, brasileiros.
Antônio Conselheiro,
um sem par feiticeiro
tudo que profetizou está acontecendo esmagadoramente,
em catástrofe tremenda

SENTINELAS

(Cabeceavam nas fileiras frouxas do quadrado, despertaram de repente tremendo, segurando grito de alarma)

Não é um surdo tropear de assalto. É pior Cezar
O inimigo, no arraial invisível de novo reza ladainhas tristes não de auto piedosas
de mulheres de sambas punks indecorosas
surge da ruínia de campo de combate,
atuando pelo contraste,
burburinho da soldadesca pasma,
kyries resfolegantes entre gozos e asma
piores que intimações enérgicas,
Como reagir a essa mantra liisérgica transfigurada
em fé religada.

MOREIRA CEZAR

(Olhar fixo nos seus meninos e herdeiros, vai deixando a vida, um último ataque, seguido de uma catarse, uma calma estranha, ouvindo os mantras suaves sorrindo para as crianças com olhar profundo de quem aceita)

Minha espada pra minha criança adorada
Seja passada

(Capitão Vilarim e Salomão da Rocha fazem esse rito final, a criança chora, mas segura com um sorriso olhando despedindo-se do chefe)

CABO WANDERLEY

(muito baixo, reza, mostrando seis balas nas suas mãos)

Covardes balas, de teus buracos retiradas
reliquias eternas nesse instante sagradas
Por teu olhar emitindo luz final farol
Turbilhão de vida da morte à meia noite: sol.

(Moreira olha para o público, para todos, sorri atormentado despedindo-se. O cabo desata em pranto.)

PORTA VOZ

O Coronel Moreira Cezar acaba de falecer.

*(Um minuto de silêncio; o sol começa a nascer
começa a retirada em massa de FALUJA)*

SOLDADO VANGUARDA DA DESERÇÃO

Cezar Morreu! É o que faltava, O Empurrão !!!!

Eu sou a vanguarda da deserção

Faluja Faluja

Não é retirada

É Fuga!

O Empurrão

Da deserção

Os feridos

São fardos,

A toa pelas veredas

Sem formaturas,

*(ri, chora, a tropa no tumulto atropelado vai atrás cantando o refrão; força constituída por praças de todos corpos
abala, e vai, num desfile desvairado em fuga de ambulâncias, cargueiros, padiolas; uma especial segurada pelo Cabo
Wanderley e o Cabo - a do comandante malgrado subindo pelos vários andares das estruturas)*

SERTANEJA(O)S

(antes contemplam pirados a fuga, num ritmo sertanejo de caça em perseguição)

Quem queria botar medo

Foge todo amendontrado

Vai soltando os torpêdo

Dos peido todo cagado

Povo assiste o enredo

Do drama acabado

Virou tudo um folguêdo

*(A Igreja Nova explode descargas e todos fogem com mais pavor, enquanto os sertanejos como num circo, vaiam,
sibilam, gargalham, pateiam)*

Mais descarga na patente

Na estrada encagaçada

Assovio estridente

Vaia a funébre palhaçada

E assim nesse desfecho

Muda o mundo de eixo.

(O sineiro bate desabaladamente o sino; a Igreja nova explode em descargas; o público sertanej(o)a aplaude)

CORONEL TAMARINDO

(vem vindo da contramão da fuga a cavalo)

Me deparo folosófico?

Com esse humor catastrófico?

Não, esta cena enquadro

como um raivoso cão ladro

toda a mais maligna natureza

me contagie, vem baixeza,

me penitencie anti-heroi da dor

da minha fraqueza anterior

faz me socorrer no ódio os soldados

sangrando em Canudos isolados.

(persegue os Corneteiros em fuga)

Corneteiros não virem desaparecidos
toques repetidos
ordeno, pauto
“meia volta, alto!”

(as notas das cornetas convulsivas emitidas pelos corneteiros sem fôlego, vibram inúteis)

CUNHA MATOS
(a cavalo passa gritando)
D E B A N D A R!!!!!!!!!!

(CORONEL TAMARINDO Indignado engatilha revólveres ao peito do Oficial foragido)

CUNHA MATOS
César! César !
É o que tu prézas!?
É tarde Tamarindo
Volta pro teu cachimbo

(Tamarindo não consegue atirar. Cunha Matos foge)

DESERTORES EM DEBANDADA
Corro agora dos oficiais armados
e dos jagunços alucinados

PAJEU
(aparece de soslaio)
Ataquem os oficiais graduados
os de botões dourados
na estrada dando bandeira
deixem os soldados de besteira.

(jagunços miram nos ouros, os botões e as roupas mais suntuosas, absolutamnete distinta da dos soldados; oficiais caem alvejados)

Ah Jesuino estava no faro do minotouro prêto
Cheira meu cheiro de bicho perfumado, galêto

(Jesuino se joga na terra rasteja como um bichinho, cheirando o chão)

JESUINO
Minoutouro Perdão
Eu beijo teu chão!

PAJEÚ
Não merece que te leve de novo ao espêto
Some e não volta
O minotouro é rei, cagão êle te solta.

(Guia Jesuino sai correndo como um bicho e se embrenha nas veredas)

CAPITÃO VILARIM
(bate-se valentemente com Pedrão que segue ao encalço, quase só; começa ir caindo ferido até o fim da fila dos desertores correndo em contra mão; chega até o Cabo Wanderley agarra-lhe o braço que está carregando o cadáver)

de Moreira Cezar com mais outros três soldados rasos)

Ordenança teu braço que me sustenha

Fui vosso comandante, me mantenha!

(o Cabo tira o braço)

CABO WANDERLEY

De Cezar levo o corpo

Não profane este morto!

(Vilarim cai na estrada)

CORIFEU VANGUARDA DOS DESERTORES

(Corifeu e Coro na pista correndo no mesmo lugar, nas argilas de cocos cagados)

Sou vanguarda da debandada

Tropa corre não mais anda

Espingardas

(levanta a espingarda)

CORIFEU E CORO

(jogando as armas)

Abandonadas.

CORIFEU VANGUARDA DOS DESERTORES

Peças dos equipamentos

(combios, com remédios, peças de canhões, barris de pólvora)

CORIFEU E CORO

Com as cagadas

(soltam os equipamentos na merda)

CORIFEU VANGUARDA DOS DESERTORES

Padiolas dos feridos

CORIFEU E CORO

(arreando os feridos que protestam)

Arreadas

CORIFEU VANGUARDA DOS DESERTORES

Oficiais ou soldados

CORIFEU E CORO

(livram-se dos feridos que caem na merda - oficiais e soldados que clamam juntos de maneira diferente)

Abandonados

CORIFEU VANGUARDA DOS DESERTORES

E os mortos

CORIFEU E CORO

Fiquem aqui pra serem secados.

(os soldados que carregam o cadáver de Moreira Cezar, que pode ser um boneco, vão deixando: um, dois, depois três e fica somente o Cabo Wanderley ao lado do Cadáver de Cezar que cai sobre a própria padiola virada tapete do chão; Os demais desertores que correm, avançam todos cinco paços pra deixar visível o corpo do Coronel nos braços do Cabo Wanderley, que faz uma cena de heroísmo, esculpindo uma estátua do ordenança solidário com seu chefe; todos olham a cena mas sem parar de correr simulado)

CORIFEU VANGUARDA DOS DESERTORES

Dai a Cezar o que é de Cezar

CORIFEU E CORO

Urubús esfomeados.

CORIFEU VANGUARDA DOS DESERTORES

E o Cabo Walderlei

CORIFEU E CORO

Fica aí imortalizado.

(Todos olham pra frente e continuam a corrida simulada, mal se viram, o Cabo Wanderley chuta o cadáver na estrada e corre simulado no mesmo lugar; entram e passam uns restos de cavalaria com Cunha Matos que não olha dos lados)

CABO WANDERLEY

Cunha Matos Filho da Puta, Covarde, Caralho !

(Cunha Matos desaparece... Cabo estafado)

Meu Reino por um cavalo. Um Cavalo!

(esta meio vário, vai entrar numa vereda, a Zabaneira o segura)

ZABANEIRA(*dá-lhe água*)

Não quero que você se desgarre pro deserto

Na estrada anda, certo?

Não quero você pra sempre perdido, agonizando, morrendo secando esquecido

Eu fico aqui, certo?

(ele titubeia, ela lhe cobre a cabeça, pra proteger do sol)

Fica esperto

volta se quiser me encontrar é aqui perto,

Certo? Certo?

CORIFEU VANGUARDA DOS DESERTORES

Vamos correr, viajar

ao acaso flunar

em bandos erradios,

pelos secos rios,

pelas trilhas coringas

pro recesso das caatingas,

tontos,

sem confrontos

apavorados,

sem chefes

libertados...

os cinturões, desapertar

pra a carreira desafogada

dolmãs, arrancar

calças carmesim,

baixar

diante do inimigo, não basta desarmados

pelados... pelados...

tiros escassos,

de caçadores

nos caçando

caçados

caçados...

(vão sumindo enquanto entra a Artilharia com as Krupps)

ARTILHARIA

(vagarosa, unida, solene quase; um desfile militar que para de vez em quando pra disparar nas margens das platéias, margens traiçoeiras; prossegue depois, lentamente, rodando, inabordável, terrível)

SALOMÃO DA ROCHA

A dissolução da tropa estaca
no aço dos meus canhões
nossa guarnição diminuta se destaca
galvanizada pela força de valentões

(Os sertanejos em torno da Artilharia vão aumentando cada vez mais, perseguidores)

SALOMÃO DA ROCHA

Quatro Krupps
Agrupes
Deixem escapar
o resto da expedição
Sejam nosso libertar
Na tua oração
Cospe fogo na ousadia
Deusa Bateria
na Marcação

SERTANEJOS

Ao encontro dos quatro *Krupps*
Nossa trupe
desrepresar,
adunar-se
avolumar,
estourar
recuar

desrepresar,
adunar-se
avolumar,
estourar
recuar

SALOMÃO DA ROCHA

Ao meio parto adutora
tua onda rugidora
descargas arrebeitar
fulminar!

(vem a carga em cima dos sertanejos; muitos tombam, brados de cólera, de dor; tontos de fumo, saltam dos esconderijos em chamas, rompem na estrada sertanejos em chusma, saltando, gritando, correndo)

SERTANEJOS

valentes indomitos
inimigos bem ditos
resistência assombrosa
represas lambamos essa coragem sem prosa
desrepresar,
adunar-se
avolumar,
estourar
recuar

desrepresar,

adunar-se
avolumar,
estourar
recuar

desreprezar,
adunar-se
avolumar

JOÃO ABADE

Jaguçada
em cima à foiçada!

(Os movimentos de represa dos sertanejos, vão constringendo a pouco e pouco o círculo do ataque; não podem mais, se prosseguirem tombam os soldados da guarnição, feridos espantados; os muares da tração empacam torcem-se impossibilitam a marcha; a bateria pára, canhões emperrados; Salomão cai retalhado junto aos canhões que não abandona, imobilizam-se no caminho... Tamarindo aponta para os Corneteiros)

CORNETEIROS

(As notas das cornetas vibram inúteis □ Cessam)

Não tem a quem chamar chefia □
Desapareceu a infantaria

(seguem correndo, fugindo, na beira da estrada, vêem-se apenas peças esparsas de equipamento, mochilas, espingardas, cinturões, sabres, jogados a esmo por ali fora, como coisas imprestáveis)

CORONEL TAMARINDO

Inteiramente só,
sem uma única ordenança,
lanço-me-só, tenho esperança
vou conter pessoalmente
essa a vanguarda indecente
o cavalo a galope,
pela estrada cospe...

(Tamarindo cai precipitado do cavalo por uma bala)

CABO WANDERLEY

Tamarindo, te alcancei,
Nem sei porque voltei...

CORONEL TAMARINDO

(Caído sobre a ribanceira do Rio, murmura)

Minha última ordem:
Procure o Cunha Matos...

(Cabo volta a fugir, a pista fica isolada, silêncio; fica entregue a si mesma e ao público, um estranho fruto, no meio dessa luta. Depois desta pausa cheia, vão entrando num solene de vingança, equilíbrio ecológico, os jagunços e as Mandrágoras. Estão todos virados, rito silencioso, cantado depois pelo Estranho Fruto; vão com a precisão visual e manual de artistas plásticos realizando mudos uma instalação internacional de beleza e horror, tomados, recolhendo o que jaz pela estrada, pelos lugares próximos esparsos; e corpos, mãos, almas, vão recolhendo os jagunços maniacamente armas, munições □ enquanto as Mandrágoras apanham as peças dos fardamento, com precisão e dançando sutilmente uma dança quase surda, de cumprimento de uma ação necessária, em quase câmara lenta; enquanto os jagunços em todo espaço do Angico até Canudos, todo o Teatro, vão esvaziando esse arsenal desarrumado, ao ar livre, puxando encantados as □ rainhas do mundo □ pro arraial: as quatro Krupps; Uma está emperrada, o BIGORNEIRO maneja, vê que está travada e sai para uma Oficina de Ferragem, para virar bigorna; olha o que está escrito no aço, passa os dedos, murmura:)

FERREIRO SERTANEJO

Essem...

(trocam espingardas velhas de carregamento moroso pelas Mannlichers e Comblains fulminantes enquanto as Mandrágoras

vão recolhendo fardas, cinturões, bonés, sapatos como se pegassem em coisa contaminada, ou material atômico, trazendo até panos de muçulmanas que colocam no nariz como enjoadas, pelo mau cheiro; as Mandrágoras vão separando as coisas; junto, no centro o dinheiro, o soldos todo dos oficiais e soldados, que quando partem levam o que tem nos bolsos, na hora da debandada. Dependuram nos arbustos mais altos da estrutura, e talvez num varal de cipós, ou uma latada, os restos de fardas, calças, dólmãs multicores, selins, cinturões, quepes de listras rubras, capotes, mantas, cantis e mochilas, pendurados, lateralmente na pista□

Juntam ao dinheiro coisas pequenas, carteiras, objetos, fotos, detalhes encontrados, fotos de esposas, celebridades, carteiras de banco, documentos de identidade, cartões de crédito e queimam numa fogueira juntamente com o corpo clone do boneco de Moreira Cezar; está sentado no trono de barril de pólvora, o Cezar Tamarindo, deixam quieto, no lado sul no centro, em frente a porta grande do teatro por enquanto; então reúnem os cadáveres auxiliadas pelos sertanejos que já retiraram as arma e fazem uma alleiona com os corpos nús.

Silêncio intenso. Todas Mandrágoras com peixeiras, uma Coriféia dá O SINAL. Decapitam todos os corpos ao mesmo tempo. Cai na pista maquinado um pano vermelho cobrindo todos os corpos deixando as cabeças de fóra, regularmente espaçadas, fronteadas, olhando para o teto dos céus do Teatro. A Decapitação relembra Inhatumirim/ Iraque.

A Mandrágora da Voz que nao é vista mas ouvida, entra e sola o Estranho Fruto de todas as decapitações capitais do capitalismo deste nosso instante de Guerra Mundial)

ESTRANHO FRUTO

Estranhos frutos

A farda que tocou teus corpos enxutos
seu soldo em mil réis mal soldados
queimam queimadas queimados
nossa pele combatente sagrada
não está maculada
não estamos contagiadas

suas armas seus brincos,
são nossos, não trinco brinco
potência superior de ação
de destruição
brincamos divinas
em surdina
nessa instalação
nossa criação
Força do governo endeusa!
baba, contempla tua fraqueza

catinga, mirrada
e pelada
aparece repentina
desabrochando florescência fina extravagantemente coloridas lisas,
do vermelho forte das divisas,
do azul desmaiado dos dólmãs
dos brilhos vivos das pratas, dos talins artesãs
estribos oscilantes
cintilantes
no Angico no caminho de Canudos ao Rosario vário, eterno luto
estranho fruto
estranhos frutos

Nos arbustos marginais

onde ninguém alcança
calças e dólmãs
multicores de festança,
restos de fardas,
selins, cinturões, capotes, mantas,
quepes de listras rubras,
cantis e mochilas tantas

Caatinga nua, mirrada
aparece de repente
de estranhos frutos carregada
desabrocha, florescente.

Colorida extravagantemente
no vermelho forte das divisas,
no azul desmaiado dos dólmãs
nos brilhos dos talins das chapas vivas

Aroma fresco e doce
da carnaúba copada
invadido pelo cheiro repentino
da carne queimada.

A uma banda avulta,
num galho seco empalado,
protagonista do drama,
estranho fruto dependurado,
o velho comandante
dançando, indo e vindo
com a brisa do nordeste
o coronel Tamarindo.

Aqui está uma fruta
para os urubus bicarem
para a chuva lavar
para os ventos secarem

Aqui estão estranhos frutos
neles o sol se deita
para as árvores derrubarem
amarga e estranha colheita

As cabeças são as dos próprios atores, podem retornar as lampadas de Inhatu Mirím ou os repolhos de Gracias Senor ou quepes militares, ou de uniformes, cartolas de banqueiros, já não usadas, ou de mano ou de frade, ou virtuais, video criaturas com a cara de todos os decapitados, sequestrados, mortos civís, os mil soldados americanos os refens de todos terrorismos de hoje, os filhos de Sadam todos estranhos frutos de hoje As Mandrágoras pegam o corpo do Tamarindo, peparam uma decapitação especial, ele está ainda todo vestido. Do trono do barril de pólvora com mãos protegidas por uma bandeira que pode ser de qualquer país ou de nenhum, ou de uma mega corporação do capitalismo, trazem Cezar embrulhado até o o centro onde é solitariamente decapitado por uma mandrágora; sua cabeça rola no chão como um repolho, a rheal é engolida no paletó; elas o desparamentam, levam seu corpo até Jardim, diante da Cezalpina, o Angicão do Teatro Oficina, no alto do Janelão. Algumas mandrágoras sobem com o corpo; em baixo outras erguem um longuíssimo tyrsó e enterram entre as pernas no parangolé do cú de Tamarindo, que vai sair em sua boca. Empalam lentamente enquanto a Mandrágora do voz, vai dando as últimas notas, até a última como Bidú Saião na famosa boca chiuzza do final da bachiana número 5 de Villa Lobos, no escuro silêncio somem do espaço do Angico as Mandrágoras, artistas plásticas ocultas no espaço e deixam, uma exposição, onde ficam as cabeças iluminadas dos soldados pelas ribaltas, suas roupas estiradas ocupando o espaço vertical lateral do teatro. Mantos Gaúchos, Fardas, azuis e carmim, luz especial nas

pratas dos talins e das esporas. Silencio, venta□
o fantasma balança□

FANTASMA DE TAMARINDO

Lúgubre espantalho, manequim,
meu cadáver desaprumado, no começo do fim□
braços e pernas pendidos,
ao vento oscilando gritos dos esquecidos
no galho flexível da asa do anjo, angico vergado,
apareço nos ermos um endemoniado□
eu o Espectro do velho comandante permaneço balançando longo tempo, não esqueço
no Angico no caminho de Canudos ao Rosario vários,
eterno luto
estranho fruto